

CILINHO O CONTADOR DE HISTÓRIAS DO FUTEBOL BRASILEIRO



a revista oficial do

Saopaulo

www.saopaulofc.net



**"Esse é o sonho
que tenho.
Vai ser o objetivo
do ano não só
na minha cabeça
como na de todos
os outros atletas"**

ROGÉRIO CENI

**LIBERTADORES
2004**

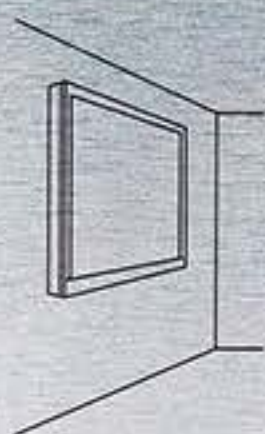


SÓCIO-TORCEDOR, vencedor
do Marketing Best 2003

CONTRATAÇÕES • REFFIS • NOVAS PARCERIAS • SOUZA



É UMA ESPÉCIE DE TROFÉU.
SÓ QUE EM VEZ DE COLOCAR NA PRATELEIRA,
VOCÊ PÕE NA PAREDE.



www.lge.com.br

Telas de plasma LG. Design inovador e a maior linha do mercado: 40", 42", 50" e 60", a partir de 7,8 cm de espessura. Alta definição de imagem. Formato 4x3 (convencional) e 16x9 (widescreen). Conexão para computador, vídeo, DVD, câmera, games e compatibilidade com TV digital.

LG. DIGITAL POR VOCÊ.



Digitally yours

EXPEDIENTE

Presidente do Conselho Deliberativo
Luiz Cássio dos Santos Werneck

Vice-Presidente do Conselho Deliberativo
Claudio Aidar

Presidente do Conselho Consultivo
Ives Gandra da Silva Martins

Presidente do Conselho Fiscal
Edison Richelmo Zago

Presidente da Diretoria Executiva
Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa

Jornalista Responsável
Carlos A. Bortole Mtb 29442

Editor
Carlos Mesquita

Secretária de redação
Sergio Luci (textos e produção)

Colaboração
Ana Paula Andrade, Andréa Longue, Cinthia Gagliardi, Gustavo Duarte (charge), Francisco Santos, Igor Amorim e Juca Pacheco

Reportagem
Fernando Savaglia e Frederico Rebello Nehme

Colunistas
Agnelo Di Lorenzo (arquivo histórico) e Paulo Planet Buarque

Fotógrafos
Rubens Chiri/Perspectiva e Tatyana Alves

Arte
Celso Andrade, Daniela Salvador, Marco Basile e Rogério C. Macadura

Ouvidor SPFC
José Alfredo Madeira Simões
ouvidor@saopaulofc.net

São Paulo Futebol Clube
Estádio Cícero Pompeu de Toledo
Pça. Roberto Gomes Pedrosa, 01
Cep 05653 - 070
Telefone 0xx11 3749-8000
(Publicação Bimestral)

A Revista Oficial do São Paulo é uma publicação da Diretoria de Comunicações

Edição
HMP Marketing Editorial Ltda
Fone: (0xx11) 3866-2770

Impresso pelo processo direct-to-plate por Prol Indústria Gráfica Ltda



04 Índice

06 Imagens

Rico marcando o primeiro gol diante do River Plate

08 Entrevista especial

Cilinho revela o segredo do sucesso tricolor

12 Esportes amadores

O São Paulo volta a brilhar em várias categorias

14 Parcerias internacionais

Viva a globalização: o time do Morumbi em todas as partes do mundo

16 Revelações 2003

Os garotos que subiram para o profissional e conquistaram a torcida

18 Capa

Depois de uma década, o clube volta à Libertadores da América

32 Jogo a jogo

As partidas no Brasileiro 2003, o Paulista 2004 e o campeonato Sul-Americano

36 Perfil

A surpreendente vida do meia Souza

38 História

Ex-jogadores e ex-técnicos se reencontram num evento para são-paulino nenhum botar defeito

40 Notícias do Tricolor

Rogério Ceni, Telê Santana, Reffis, painel, Paulo Planet Buarque, Epopéia do Morumbi...

Pronto para dominar a
América



O São Paulo Futebol Clube, após nove anos, volta a disputa da Copa Libertadores da América, principal torneio interclubista do continente

Esse é o sonho que tenho como atleta e vai ser o objetivo do ano não só na minha cabeça como na de todos os outros atletas. Rogério Ceni

Parcerias, conquistas, homenagens...

E dá-lhe Tricolor do Morumbi. O São Paulo brilhou ao longo de 2003. Vários acontecimentos marcaram o ano que passou, como, por exemplo, a volta à Libertadores uma década após sua última participação. Para os torcedores, foi o fato mais comemorado.

Outros projetos, entretanto, saíram do papel, tomaram forma e, em breve, devem render ótimos frutos.

O clube firmou ótimos acordos com representações estrangeiras, arrumou um parceiro inglês bastante forte, tornou mais sólida sua presença na Espanha por meio do São Paulo Madrid, entrou no mercado asiático e ainda pode conseguir um lugar ao sol no promissor futebol norte-americano.

Não é pouco. E, se fora foi assim, aqui o São Paulo também fez e aconteceu. Para voltar a brilhar no esporte amador, selou diversas parcerias. A consequência veio rapidamente. O clube obteve ótimos resultados nas mais diferentes modalidades.

Diversos jogadores se destacaram. Certamente, Rogério Ceni foi um desses. Contra o River Plate, na semifinal do torneio Sul-Americano, o goleirão só não fez chover. Não deu para nós. Rogério, entretanto, saiu fortalecido - assim como todo o time - para brigar na Libertadores 2004.

2003 também foi um bom ano para a garotada promovida ao time principal. Alguns, como Kléber, Diego Tardelli e Fábio Santos, conquistaram seu espaço. Mais uma vez, o São Paulo prova que é uma fábrica de fazer craques, hoje comandada por Cilinho, coordenador técnico das categorias de base.

Mas, definitivamente, não se pode esquecer o passado. É preciso reviver os momentos mais gloriosos e brindar os fatos mais inesquecíveis da história. Em 6 de dezembro, vários craques tricolores, que emocionaram inúmeras gerações de torcedores, foram ao CCT da Barra Funda participar do segundo encontro de ex-jogadores são-paulinos. E, um dia antes, Telê Santana, mestre da mais impressionante fase de conquistas do clube, foi homenageado também. Ele recebeu o título de cidadão paulistano e uma placa de agradecimento do São Paulo. Como se percebe, 2003 serviu de palco para muitos eventos se desenrolarem. E você poderá conferir nesta edição da Revista Oficial do São Paulo tudo que aconteceu. Que 2004 seja ainda mais promissor a todos.

REVISTA EM CASA

A partir desta edição, os associados do São Paulo Futebol Clube também receberão, em casa, a Revista Oficial.

Editorial

FRUTOS DE UM TRABALHO BEM-FEITO

2003 foi um ano bastante positivo para o São Paulo Futebol Clube. Não conquistamos títulos no futebol profissional, é verdade. Mas demos passos fundamentais para consolidar um trabalho feito com muito profissionalismo e por quem é são-paulino de coração. Seguramente, num futuro próximo, voltaremos a brilhar em torneios de grande expressão.

Depois de uma campanha bastante razoável no Brasileirão, conseguimos colher ótimos frutos. Aliás, a fórmula de pontos corridos, pela qual lutávamos em 2002, mostrou-se eficiente e corroborou nosso pensamento.

Com a terceira colocação assegurada na tabela de classificação do Brasileiro, voltamos ao principal campeonato do continente. Estamos na Libertadores 2004. Essa era uma de nossas principais bandeiras. Agora, com o objetivo alcançado, partimos para a segunda etapa: reforçar nosso plantel para termos boas condições de brigar pelo título mais cobiçado das Américas. Para isso, contratamos o técnico Cuca, que, junto com os jogadores que aqui estão e outros que chegarão, se encarregará da tarefa.

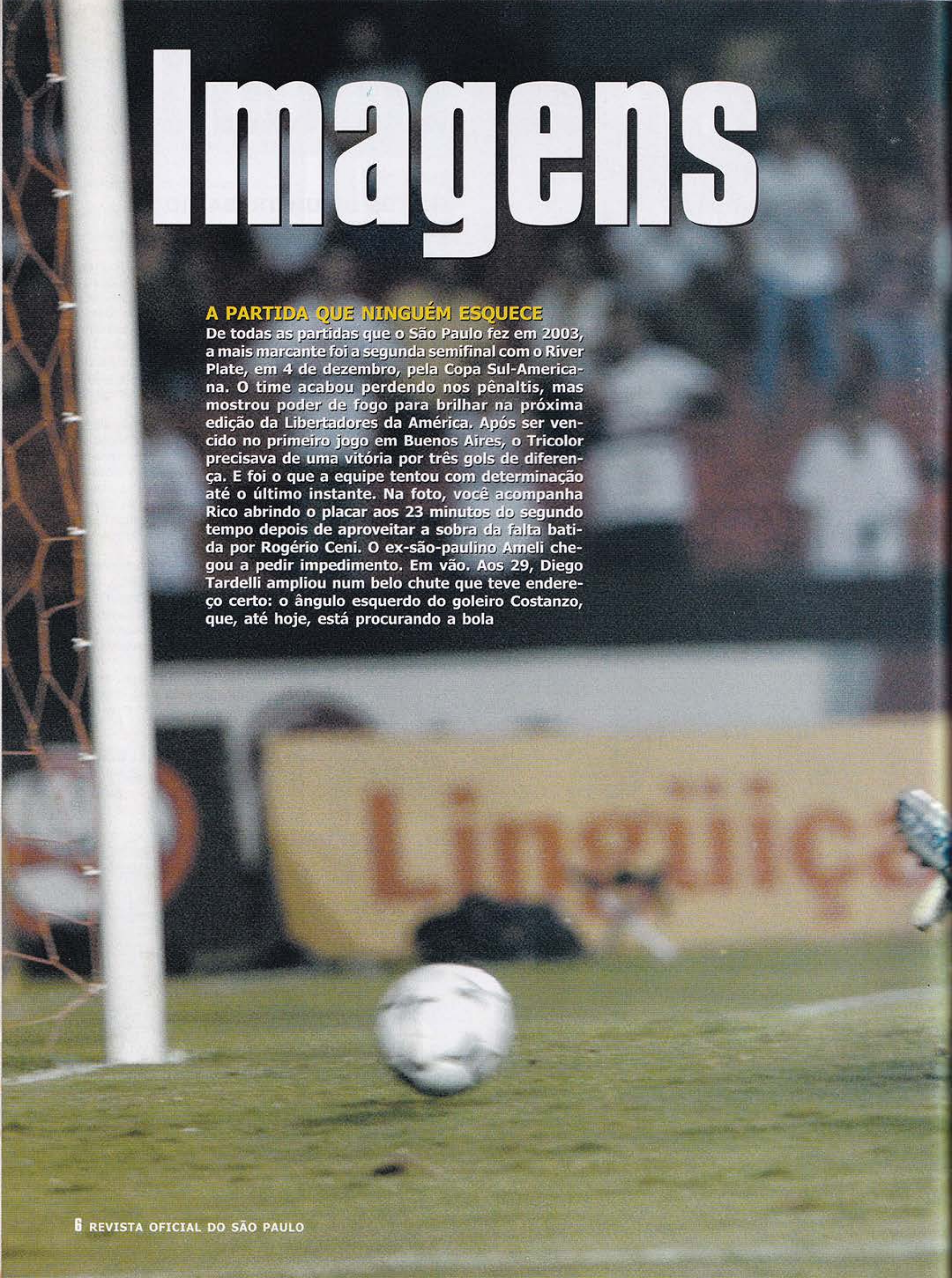
Além de tudo isso, estabelecemos inúmeras parcerias internacionais. Avancamos no mercado europeu e asiático. Também fechamos acordos para tornar ainda mais competitivos nossos esportes amadores. E fomos felizes. Ganhamos em diversas modalidades. Mais do que isso, vencemos com brilhantismo e agora damos prosseguimento a essa rotina de conquistas, pois 2004 promete. E muito.

Como se percebe, esta nova fase exigirá esforço, empenho e trabalho duro. Continuaremos lutando para deixar o glorioso nome do São Paulo no lugar mais alto. Sempre. Bom ano a todos!

Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa
Presidente



Imagens

A photograph of a soccer field. In the foreground, a white soccer ball sits on the green grass. To the left, a white goalpost is visible. The background is a blurred crowd of spectators in a stadium, with some yellow and red banners visible.

A PARTIDA QUE NINGUÉM ESQUECE

De todas as partidas que o São Paulo fez em 2003, a mais marcante foi a segunda semifinal com o River Plate, em 4 de dezembro, pela Copa Sul-Americana. O time acabou perdendo nos pênaltis, mas mostrou poder de fogo para brilhar na próxima edição da Libertadores da América. Após ser vencido no primeiro jogo em Buenos Aires, o Tricolor precisava de uma vitória por três gols de diferença. E foi o que a equipe tentou com determinação até o último instante. Na foto, você acompanha Rico abrindo o placar aos 23 minutos do segundo tempo depois de aproveitar a sobra da falta batida por Rogério Ceni. O ex-são-paulino Ameli chegou a pedir impedimento. Em vão. Aos 29, Diego Tardelli ampliou num belo chute que teve endereço certo: o ângulo esquerdo do goleiro Costanzo, que, até hoje, está procurando a bola



Contador de histórias

Depois de duas passagens marcantes pelo São Paulo na década de 80, Cilinho retornou ao clube em 2002 para caçar e revelar craques



"Gosto de lidar com gente e acredito nas pessoas. Sempre procuro incentivá-las a chegar ao sucesso"

Por Carlos Mesquita

Otacílio de Oliveira Pires de Camargo, o Cilinho, é muito mais que um coordenador técnico das categorias de base do São Paulo Futebol Clube. Seu trabalho não se limita apenas às quatro linhas do campo, transcende os próprios conceitos futebolísticos. Desde quando foi treinador do time principal tricolor em duas outras oportunidades - em 85 e 87, época em que formou a famosa equipe que contava, entre outros, com Silas, Müller, Vizoli e Sidney, os badalados Menudos do Morumbi -, sua filosofia era bastante abrangente e peculiar. Naquela época, já fazia questão de tratar o atleta como ser político e social. E de instruí-lo para algo mais precioso do que

o próprio esporte, a vida. Ficou conhecido por seus treinos diferenciados. Sempre, por exemplo, levou os jogadores ao teatro e promoveu palestras com grandes personalidades sobre os mais diferentes assuntos.

Através dos anos, não foi apenas um simples técnico. Foi e ainda é um educador, um psicólogo que deseja que seus meninos, como gosta de referir-se a seus atletas, atinjam o sucesso com a maturidade e a responsabilidade de serem homens em suas atitudes. Por tratar a molecada com carinho e respeito, recebeu o apelido de Mestre. Além dessa marca registrada, possui outra que logo vem à cabeça quando se ouve seu nome. É um dos maiores contadores de histórias do

futebol nacional. Seus casos bem-humorados certamente teriam espaço em uma obra sobre o folclore de nosso esporte número um.

Como o futebol entrou na sua vida?

Joguei em todas as categorias. Também fui treinador de todas elas. Especializei-me porque tive paciência e calma. Convivi com atletas brilhantes, tanto nas equipes principais quanto nas de base, que tinham muita habilidade e que jogavam de forma descontraída. Na minha época, atacávamos com naturalidade. Por isso, os placares eram tão elásticos, com vantagem de três ou quatro gols. De uns tempos para cá, voltamos a atacar. Durante minha formação, ainda na adolescência, vi

muita injustiça no futebol. Joguei com grandes craques de equipes em formação que não tiveram oportunidade. Não se requisitava o jogador de baixo. O técnico sequer acompanhava o trabalho da base. Nos anos 50, a atenção era voltada apenas ao time profissional. Então prometi a mim mesmo que faria justiça. Desde muito cedo, via a possibilidade de abrir caminho. Gosto de lidar com gente e acredito nas pessoas. Sempre procuro incentivá-las a chegar ao sucesso. Promovendo exercícios com todas as categorias, consigo ver a atividade de todo mundo no São Paulo. O objetivo disso é apoiar os membros da comissão técnica da base. Dessa maneira, também posso observar os nossos valores. Na década de 80, foi

conveniente fazer isso no clube. E tivemos dez anos de sucesso. Houve todo um planejamento. Sempre achei a mescla interessante e viável. Até porque é uma utopia representar o São Paulo num campeonato oficial, com todos os objetivos que temos, apenas com jogadores de base. É preciso ter, no profissional, atletas qualificados, craques com cancha, vivência, personalidade e noção de estratégia para acertar o trabalho com os mais jovens. Por outro lado, os mais novos são dinâmicos, competentes e velocistas. Colocam essas características a serviço dos mais experientes. Essa mistura é a chance de chegar a vários títulos. Com isso, é possível alcançar outro objetivo muito importante para o clube: divisas.

Que psicologia o senhor adota para trabalhar com esses novos valores?

Os garotos me chamam carinhosamente de mestre. Cuido de todos os detalhes para que cheguem ao objetivo deles. Alguns jogadores que não estavam bem no CT do profissional, por exemplo, também vieram para cá e passaram pelo mesmo processo. Mas, da maneira como se fala, tem-se a impressão de que é um castigo, quando, na realidade, é o contrário. Sou educador. Vou fazer questão disso até o término da minha carreira. Procuro sempre, por meio do diálogo, pôr o atleta em condições de jogo. Primeiramente, tenho uma conversa franca com ele. Depois observo seu comportamento, o que tem de passar a mim. Após essa etapa, entro com minha avaliação, pois já acompanhei o trabalho dele em campo. Todos que vieram para cá reagiram positivamente. Para ser sincero, nos ajudaram. Eles trouxeram conhecimentos de posicionamento. Ao mesmo tempo, também aprenderam com os garotos. Um detalhe importante é que reconheceram o erro. Quem procede assim tem grande chance de vitória. Trata-se de um gesto nobre. De humildade.

A partir de que avaliação o senhor sente que o atleta

"Peço a meus meninos que façam molecagem, sejam atrevidos. Futebol é show. É pago"



"Desde que houvesse qualidade, o ingresso poderia até ser mais caro. Mas a federação, no caso de o espectador ser castigado com um 0 a 0, deveria devolver ao torcedor o que ele pagou para ver o jogo"

está pronto para retornar ao time principal?

O Gabriel, por exemplo, aceitou com naturalidade. Até porque foi educado no São Paulo. Portanto, conhece a mentalidade do clube. Fez a reciclagem e voltou melhor

em posicionamento. Está dando conta do recado. Tem procurado levar o time à frente. Está fazendo gols. Queremos que o jogador se encontre. Mas isso tudo, é claro, por meio de um diálogo franco. Damos liberdade para

que o atleta exerça o que sabe. Chegamos a discutir detalhes, se, por meio deles, houver crescimento. Analisamos como o jogador conseguirá ter êxito usando suas características, em que ponto deixou a desejar. Estudamos a opção que ele tenta no jogo, que pode ser inviável e não surtir o efeito desejado. No futebol, cada um tem sua função. Se cada um estiver a par dela, haverá uma soma de esforços, de inteligências. Só assim é possível chegar ao resultado.

Como se reconhece um talento?

De vivência. Hoje, os treinadores lêem o jogo de forma diferente. Os relatórios de observadores não batem, por exemplo. Se enviar dois a um jogo, a leitura não baterá. Cada um classifica de seu jeito o sistema de jogo e o atleta observado. Já eu penso muito em detalhes. Busco as características do jogador. Vou atrás das informações, mas elas não bastam. Quero checar. Observo, para isso, o atleta em ação. Todos os treinadores têm o mesmo objetivo, que é a vitória. Mas eles a buscam de maneira diferente. Um quer jogar na defesa; outro, no meio-de-campo. Ainda existem aqueles que são totalmente voltados ao ataque ou que conduzem seus times contando piada ou distribuindo camisa. Muitos querem a equipe mais forte fisicamente e passam a ação ao preparador físico. Por onde passo, vejo a necessidade de fazer um futebol moleque. Essa expressão trago desde o início de minha formação. Mantenho isso no diálogo com meus meninos. Peço a eles que façam molecagem, sejam atrevidos. A única chance de encher estádio é voltar a dar espetáculo. Futebol é show. É pago. Desde que houvesse qualidade, o ingresso poderia até ser mais caro. Mas a federação, no caso de o espectador ser castigado com um 0 a 0, deveria devolver ao torcedor o que ele pagou para ver o jogo.

Qual foi a situação mais divertida que o senhor presenciou?

Recordo-me de uma da Ponte

"Hoje, o pessoal, às vezes, ganha em excesso e joga pouco"



Preta. O clube havia acabado de contratar o quarto treinador da temporada na década de 60. Ele foi apresentado rapidamente. Entrou pelo corredor e lhe deram uma camiseta

cavada e um calção velho. Os jogadores juntaram-se no vestiário para a primeira reunião. Só havia fera no grupo. A equipe estava fugindo do rebaixamento. O treinador per-

guntou o que estava acontecendo. Alguém falou que os jogadores estavam esperando por ele. E ele respondeu que futebol era no centro do grama. Todo mundo então diri-

giu-se para lá. O treinador falava que futebol era simples, objetivo e prático. Então começou a questionar: "Quem é o um? Ciasca, um dos maiores goleiros que já passaram pela Ponte Preta; quem é o dois? Bruninho, pai da raça; quem é o sete? Noca, depois de Garrincha, foi o segundo maior ponta do Brasil; quem é o nove? É o Paulinho, que da Ponte saiu para jogar no Corinthians". Depois de esclarecidas as dúvidas, explicou sua tática: "O um dá para o dois, que toca para o sete, que cruza para a área e o nove faz 1 a 0. Vamos ver se você estão concentrados? Repetiu a estratégia e, em seguida, passou para o aquecimento. Foi então que Lelé - que jogou no São Paulo, Vasco e na seleção brasileira - desceu para o vestiário. O Pirane, que também defendeu o Tricolor, e era o zagueiro e capitão da equipe, perguntou: "Será que posso ir até o vestiário buscar o Lelé?". O técnico não sabia quem era aquele "tal" de Lelé. Para surpresa de Pirane, quando chegou ao vestiário, o Lelé estava tomando banho, ensaboado e cantando. O Pirane foi à loucura: "Pô, Lelé, que é isso? Está na hora de a gente trabalhar. Vamos jogar no domingo. Vamos ganhar e tirar a Ponte Preta do rebaixamento". O Lelé, então, disse: "Eu? Vão jogar o um, o dois, o sete e o nove. Eu sou o dez, pô".

Por que o senhor não aceitou o convite para treinar a seleção brasileira?

Naquela época, foi criado um clima por dirigentes cariocas que estavam com medo de perderem a hegemonia para São Paulo. Para fazer oito reuniões e não chegar a um denominador, é porque a CBF não tinha critério mesmo. Queria implementar no selecionado nacional um trabalho integrado, que sempre fiz nos clubes. Os grandes jogadores que serviram à seleção antes de o convite ser feito a mim tinham parado. Estavam superados para a outra Copa. Por isso, havia a necessidade de elaborar um projeto com a nova geração. Queria ver quem era quem e

como os atletas jovens se portariam com a camisa amarelinha. Também gostaria de fazer um jogo por mês em todos os Estados brasileiros para mostrar a cara da nova geração aos nossos torcedores, entre outras atividades da maior importância para o futebol nacional, que estava descreditado. Na CBF, não se resolvia nada. Ficava sempre para o próximo encontro. Antes da reunião decisiva, que ocorreu numa sexta-feira, vim embora para São Paulo. Retomei meu contrato com a Ponte Preta. No sábado, fui surpreendido pelo falecido presidente da CBF Otávio Pinto Guimarães. Ele acompanhou o jogo entre São Paulo e Guarani, em que o Tricolor sagrou-se campeão brasileiro em Campinas, em 1986. Ele estava com o contrato que eu deveria assinar. Não havia como, porém. Agradei a ele a lembrança de meu nome e a acolhida que tive no Rio de Janeiro. Optei pela Ponte Preta. O trabalho que gostaria de desenvolver à frente da CBF tornou-se inviável. Não gostaria de vestir a camisa da seleção brasileira apenas para dizer aos meus netos que cheguei lá. Gostaria de servir a ela com a mesma propriedade que tive em todos os clubes pelos quais passei.

Quando o Falcão chegou ao São Paulo, na década de 80, o senhor o deixou no banco. Houve muita polêmica em torno disso?

Nessa época, o Falcão estava como uma lesão séria no joelho. Mas essa transação foi um golpe de mestre de Carlos Miguel Aidar e Juvenal Juvêncio. A proposta de compra dele trazia uma grande pretensão por trás. O clube queria ocupar o espaço deixado pelo Santos. Todos os times brasileiros estavam fluindo. Ninguém ocupava aquele lugar. A repercussão dessa contratação foi fora de série. O São Paulo jogou no mundo todo. Até mesmo com a seleção da Suécia. No fim, conseguimos atingir esse objetivo. Por sua vez, o Falcão tinha interesse comercial em vender sua grife aqui. E a tor-

cida são-paulina possuía o perfil. Em Roma, disse que era muito difícil jogar no São Paulo. A equipe era uma máquina. Falcão havia falado que Márcio Araújo, que atuava na posição dele no Tricolor, podia defender a seleção brasileira de tão capaz que era. Após sua chegada, ficou 35 dias em Campinas cuidando do joelho. Em seguida, foi encaminhado ao departamento físico. Somente depois lhe foi dada a oportunidade de fazer treinos com bola. Ele disputou com naturalidade a posição e acabou jogando. Durante esse período, soube respeitar minha decisão e esperar. O diálogo entre nós sempre foi o melhor possível, porque ele foi um profissional da mais alta qualidade e de caráter. Obviamente, a mídia agitou porque se tratava de

ceio e chutes a gol, por exemplo. Eram mais interessados. Hoje, o pessoal, às vezes, ganha em excesso e joga pouco. A falta de interesse torna o atleta debilitado em alguns fundamentos. Porque, se ele estiver apto fisicamente, se correr mais que o adversário ou tanto quanto, vai se transformar num brucutu. O objetivo disso é apenas neutralizar quem pensa. Você tem de fazer um equilíbrio. Não se deve deixar de trabalhar o fundamento, a habilidade com a bola, a visão de jogo, o lançamento, o passe.

O senhor, alguma vez, foi mal compreendido por falar aquilo que pensa?

Em todos os setores de atividade, existem os pobres de espírito e eu não sou permissivo. Não me deixo influenciar por terceiros. Fazendo o que gos-

verdade é que não podem com o futebol sul-americano. Tanto é verdade que, quando querem encher estádios, vêm bater no Brasil, na Argentina, no Paraguai, no Uruguai, no Chile, no Peru. Aqui, estão os grandes craques, que dão espetáculos. Tivemos um duelo entre Santos e Boca Juniors há pouco tempo. E o treinador argentino foi idolatrado. Mas não há necessidade de dar ponto positivo a uma figura humana como o Bianchi e botar para baixo o treinador brasileiro. Pode-se falar seguramente que os técnicos brasileiros são excelentes, assim como o Bianchi o é. Ele vem provando ao longo do tempo que tem muita qualidade. A Argentina tem gente capaz, assim como todo o futebol sul-americano.

Antes de o Rojas ser anunciado como técnico oficial do São Paulo, havia especulações sobre seu nome. O que o senhor pode falar desse episódio?

Não assumiria nem assumo. É bom que isso fique claro, porque, às vezes, a imprensa faz a manchete da cabeça do redator. Se o São Paulo não tiver um treinador, pode estar certo de que a equipe não vai sem um técnico, pois irei representando o São Paulo. Pelo meu caráter, sou admirado e respeitado por todos os treinadores. Não estou na mídia. Não dou entrevista nem participo de nada como comentarista. Não faço figa atrás do gol quando o adversário está a perigo. Não tenho cartão nem procurador. O Oswaldo de Oliveira sabia do meu caráter. E sabe. Disse que torcia pelo seu êxito, pois ele teria paz para completar seu trabalho. E eu teria paz onde eu estava e estou. A mesma coisa se aplica ao Rojas. Tive a oportunidade de contratá-lo pelo São Paulo. Ele ainda jogava no Chile e eu pedi a um ex-jogador amigo meu que o trouxesse aqui para conversar com o senhor Juvenal Juvêncio. Com ele e Gilmar Rinaldi, ficamos bem servidos no gol. O Rojas também sabe do meu caráter. Eu não assumiria a posição dele.

“Não gostaria de vestir a camisa da seleção brasileira apenas para dizer aos meus netos que cheguei lá. Gostaria de servir a ela com a mesma propriedade que tive em todos os clubes pelos quais passei”

Falcão e de São Paulo. Com certeza, era notícia para vender mais jornal.

O mercado exige que o atleta moderno seja forte e tenha explosão. O futebol moleque ficou em segundo plano?

Vou responsabilizar o próprio atleta por isso. Lamentavelmente, os jogadores do futebol brasileiro desta geração já não trabalham com devoção. Fazem por obrigação. O garoto vê só a programação. Faz apenas o trabalho planejado pela comissão técnica. Jogadores de outras épocas faziam um complemento das atividades. Treinavam individualmente cabe-

to, com prazer, alcanço meu objetivo. O número de conquistas e amizades esmaga, e muito, as adversidades. Devo muito ao futebol porque fiz amizades fantásticas. Espetaculares. Tenho até uma devoção pela própria bola. Coloquei uma pendurada no meu escritório e tem uma mensagem que diz obrigado, minha querida.

Como o senhor analisa essa nova safra de técnicos brasileiros?

Chegou a hora de valorizar os profissionais brasileiros porque são os melhores do mundo. No exterior, eles ficam preocupados em projetar novos sistemas para tentar nos superar. A

2003 vitorioso

Com a ajuda de muitos parceiros, os esportes amadores do Tricolor brilharam em diversas competições ao longo do ano passado

Leandro Guilherme:
boas chances
de ir à próxima
Olimpíada



FORMAÇÃO DE BASE

O judoca Aurélio Miguel, que já ganhou duas medalhas olímpicas e cuida das atividades do judô tricolor, acredita que a formação de atletas de base no time será o principal foco em 2004, quando parte das instalações do clube será destinada às atividades dos judocas. "Já possuímos professores atuando no clube. Mas, em 2004, pretendemos ampliar nossas atividades e começar a formar atletas dentro do São Paulo. Nossa parceria prevê atuação em diversos âmbitos. E o estímulo à prática esportiva é uma delas", afirma Miguel.

Segundo ele, os são-paulinos Edemar Zanol, Leandro Guilherme, Daniele Zangrando e Cátia Maia podem conseguir uma vaga olímpica em 2004. "Vamos trabalhar muito com esses judocas. Acredito que, pelo menos, um consiga."



**Prefeitura de São Caetano
e Tricolor do Morumbi:**
união campeã metropolitana

**Por Frederico
Rebello Nehme**

O saldo da participação do São Paulo nos esportes amadores em 2003 superou todas as expectativas. Com uma série de atitudes, o clube reestruturou suas ações e alcançou bons resultados.

No vôlei, no basquete, no judô, no handebol, no futsal e no atletismo, entre tantas outras modalidades, o Tricolor expandiu sua área de atuação. As conquistas obtidas foram importantes e mostraram o início de um trabalho que ainda deverá render muitos frutos. Mas todo esse desenvolvimento só foi possível por causa das parcerias.

A união com a prefeitura de Guarulhos, por exemplo, trouxe êxito ao São Paulo, como a conquista da Copa Brasil de Handebol Feminino, pelo São Paulo/Guaru; e a participação do time de basquete feminino na 1ª Copa do Mundo de Clubes, realizada na Rússia.

Com a prefeitura de São Caetano, o clube mantém um time de futebol de salão, campeão metropolitano de 2003. No judô, sob a coordenação do campeão olímpico Aurélio Miguel, o Tricolor firmou parceria com a academia do também atleta de ouro olímpico Rogério Sampaio.

Segundo Roberto Natel, diretor de esportes amadores do São Paulo, o investimento em parcerias foi o caminho encontrado para colocar novamente o clube no circuito do esporte amador. "Sem nossos parceiros, não poderíamos retomar diversas modalidades. Em 2003, voltamos a manter atividades permanentes na área, a pôr o nome do São Paulo em circulação."

Para o presidente Marcelo Portugal Gouvêa, o clube havia parado no tempo no quesito esportes amadores. De acordo com ele, a retomada nessa área recoloca o clube na posição que sempre ocupou. "O São Paulo tradicionalmente brilhou nos esportes amadores. Sempre tivemos expoentes nes-

sas áreas. Precisávamos voltar com força e isso não seria possível se atuássemos sozinhos."

Natel acredita que o êxito do São Paulo nos esportes amadores irá impulsionar o surgimento de outros atletas dentro do próprio clube. "Se os jovens forem incentivados a se desenvolver, poderemos, em alguns anos, ter novos atletas de qualidade. O que precisamos é mostrar que é possível."

Um dos principais problemas que atingem o esporte amador em todas as suas modalidades, na opinião de Natel, é o investimento irregular dos patrocinadores e dos próprios clubes. "A oscilação de investimento é o principal problema do esporte amador, que, nesse quesito, não tem nada de amador. Para conseguir resultados, é necessário fazer um planejamento complexo e um trabalho sem interrupções."

VISIBILIDADE

Além do fortalecimento dos times e de atletas de ponta, o clube realiza com frequência torneios internos para associados em diversas modalidades, como sinuca, futebol de salão e tênis.

Todo o esforço na área de esportes amadores possibilitou às equipes tricolores importantes conquistas em 2003. O handebol masculino São Paulo/Guaru, por exemplo, abocanhou o título da 4ª Copa do Estado.

Na ginástica olímpica, o São Pau-

lo/Guaru alcançou boas colocações no Campeonato Paulista, realizado em setembro, conquistando o primeiro lugar na categoria infantil feminino A e B e o segundo na infanto/juvenil masculina.

A natação foi outra modalidade que também obteve bons resultados. Chegou ao bicampeonato paulista da segunda divisão, com 28 medalhas ao longo do torneio. Na 7ª Copa Mercosul de Natação, dois atletas também alcançaram medalhas: Filipe Martins, bronze nos 50 metros livre na categoria juvenil dois; e Adriana Massa, que também conquistou bronze, nos 50 metros costas, categoria sênior. Outra conquista importante na modalidade foi o tetracampeonato do Torneio Interclubes Master de Natação, em setembro, com 49 medalhas alcançadas durante a competição.

Basquete:
experiência
internacional

BASQUETE FEMININO

O basquete feminino realizou uma série de disputas internacionais que aumentou a experiência do time. Durante a 1ª Copa do Mundo de Clubes, a equipe enfrentou outras dos EUA (representados por um grupo da WNBA), da Rússia (Ekaterinburg) e de Moçambique (Mambas). E ficou na sétima colocação.



PAN-AMERICANO

A atuação do São Paulo em diversas modalidades também teve reflexo na participação brasileira nos Jogos Pan-americanos de Santo Domingo, na República Dominicana. Ao todo, nove atletas estiveram no torneio mais importante das Américas.

A equipe de handebol feminino, que conquistou a medalha de ouro, contou com Alexandra Nascimento, Sandra Oliveira, Aline Waleska e Sílvia Helena, atletas do São Paulo/Guaru. No pugilismo, cinco nomes participaram da competição: Giliard Paulino, Erivan Conceição, Washington Silva, Rafael Duarte e Marcos André Rocha, que trouxe uma medalha de bronze.

Handebol: atletas
são-paulinas na seleção



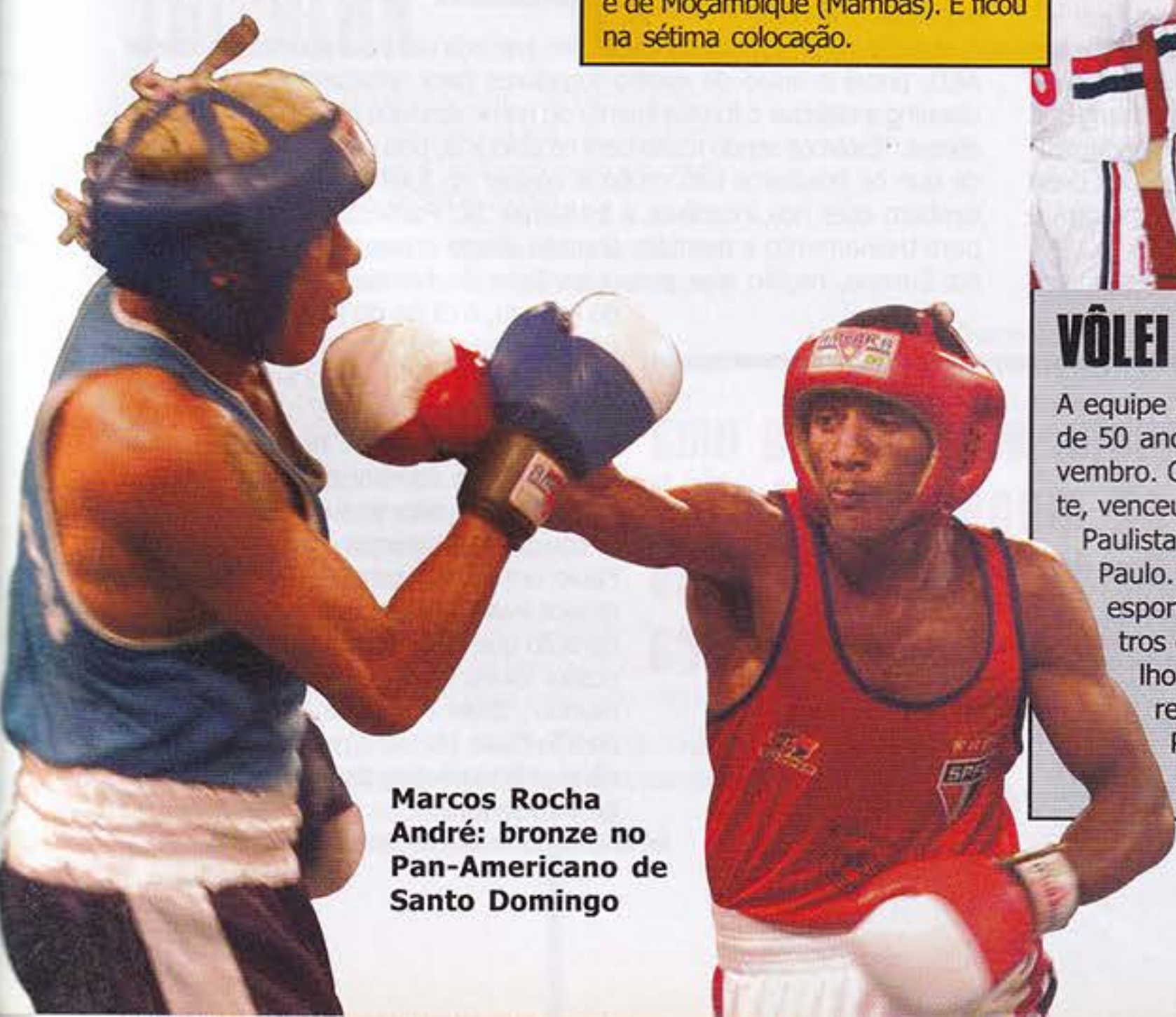
São Paulo/Ulbra:
campeão paulista



VÔLEI MASCULINO

A equipe de vôlei masculino São Paulo/Ulbra saiu de uma "fila" de 50 anos ao conquistar o título de campeão paulista em novembro. O time, que tem o técnico Marcelo Francowiack à frente, venceu a final contra o Wizard. "A conquista do Campeonato Paulista veio coroar o trabalho em conjunto da Ulbra e do São Paulo. Essa parceria fundou um novo modelo de gestão no esporte amador, que deve servir como exemplo para outros clubes", afirma o técnico, que espera reforçar o trabalho em 2004. "Vamos trabalhar forte para conseguir bons resultados na Superliga. As condições criadas pelo São Paulo para trabalharmos são únicas e se tornam um grande estímulo para nos desenvolvermos."

Marcos Rocha
André: bronze no
Pan-Americano de
Santo Domingo



Na onda da globalização

No ano que passou, o São Paulo firmou acordos com clubes dos mais diferentes países e agora avança, a passos largos, por quase todas as regiões do mundo



Por Frederico Rebello Nehme

Do Morumbi para o resto do mundo. 2003 foi o ano em que o São Paulo concretizou diversas parcerias e ampliou suas atividades para além das fronteiras nacionais.

Os projetos são diversificados, mas têm objetivos comuns: difundir a imagem do Tricolor paulista no exterior e gerar divisas. Com atuações em pelo menos seis países diferentes, o São Paulo pode ser considerado o mais internacionalizado clube brasileiro.

Entre as principais ações pelo globo, está a parceria com o Manchester United, da Inglaterra, que prevê a troca de experiências administrativas e a negociação de jogadores de base do Tricolor para o time estrangeiro. Outros dois acordos com agremiações internacionais estão em andamento. Para o LG Anyang Cheetas, que disputa a primeira divisão da Coreia do Sul, e o norte-americano Los Angeles Galaxy, o São Paulo fornecerá o know-how que possui e, eventualmente, atletas.

Segundo Dorival Decousseau, diretor de marketing do clube, cada atividade fora do País apresenta suas peculiaridades. "Cada ação tem um contexto diferente e objetivos específicos. Na parceria com o Manchester, por exemplo, a meta é aprender como eles exploram seu mercado e administram seu estádio e centro de treinamento. Na medida do possível, queremos introduzir algumas práticas semelhantes no São Paulo."

Além de parcerias com clubes, o São Paulo mantém duas escolinhas na Tailândia e na Coreia do Sul. O funcionamento é semelhante ao de uma franquia. Ou seja, o clube fornece seu prestígio e padrão técnico para o desenvolvimento de atividades com jogadores de base.

DO OUTRO LADO DO MUNDO

À frente das atividades na China, país no qual o clube manterá o São Paulo Liaoning em 2004 na disputa da Segunda Divisão, Edson Lapolla, diretor-adjunto de futebol do São Paulo, aposta em um "boom" do mercado asiático para os próximos anos. "O mercado asiático pode ser visto hoje como o japonês há quinze anos. O futebol está em ebulição e deve acontecer um grande desenvolvimento do esporte no continente todo. Quem estiver presente vai poder colher os frutos desse crescimento esperado", afirma.

A atuação do São Paulo na China, em parceria com a empresa canadense AKD, prevê o envio de quatro jogadores para reforçarem o elenco do Liaoning e objetiva o fortalecimento do nome do clube no país e a venda de atletas. "Estamos sendo muito bem recebidos lá, pois eles têm a consciência de que os brasileiros têm muito a ensinar no futebol. O governo chinês também quer nos incentivar a trabalhar lá. Fornecem boa estrutura para treinamento e mantém contato direto conosco", afirma Lapolla.

Na Europa, região que possui as ligas de futebol mais conhecidas do mundo, o clube do Morumbi também ensaia seus primeiros passos reais. Além da troca de experiência com o Manchester, mantém o São Paulo Madrid, que compete no campeonato madrilenho de futebol amador.

"Tivemos um retorno surpreendente perto do que esperávamos. Já se fala do São Paulo em jornais espanhóis. Para avaliar nossos avanços, temos de levar em consideração que estamos atuando no país que possui talvez a melhor liga de futebol do mundo", disse Fernando Young, jogador do São Paulo Madrid e profissional responsável pelo marketing das atividades do clube na Espanha.

"Difícilmente, se encontra uma equipe no mundo que forme tantos jogadores quanto o São Paulo, com toda a estrutura oferecida pelo clube"

Dorival Decousseau, diretor de marketing

“O mercado asiático pode ser visto hoje como o japonês há quinze anos. O futebol está em ebulição e deve acontecer um grande desenvolvimento do esporte no continente todo”

Edson Lapolla,

diretor-adjunto de futebol

RESUMO DA OPERA TRICOLOR

INGLATERRA Time mantém parceria com o Manchester United, visando troca de experiências administrativas e o fornecimento de jogadores de base para o clube inglês.

ESPANHA Disputando a liga madrilenha de futebol, o São Paulo Madrid é vitrine do clube no país europeu.

EUA São Paulo negocia acordo com o Los Angeles Galaxy, uma das principais equipes da liga profissional norte-americana.

CHINA Com o envio de jogadores para o São Paulo Liaoning, que disputa a segunda divisão chinesa, clube pretende abrir espaço no promissor mercado do país.

CORÉIA DO SUL Parceria com o LG Anyang Cheetas, que disputa primeira divisão; e escolinha de futebol licenciada pelo São Paulo.

TAILÂNDIA Escolinha de futebol com a “marca” tricolor. Treinadores brasileiros representam o São Paulo numa espécie de franquia.

Na Inglaterra: equipe durante treino; no destaque abaixo, Rogério Ceni, o treinador de goleiros Haroldo Ferreira (de costas) e Roger (à dir.)

EXCURSÃO PELA TERRA DA RAINHA

O São Paulo foi à Inglaterra em novembro mostrar a ginga do futebol brasileiro. Em solos europeus, o clube fez duas partidas e ainda assistiu a um amistoso entre as seleções da Inglaterra e da Dinamarca, no lendário Old Trafford, o estádio dos “Diabos Vermelhos”, apelido da equipe do Manchester United, que fez o convite ao time do Morumbi.

Na primeira partida, o São Paulo goleou o Bolton Wanderers por 6 a 3, no Reebok Stadium, em Bolton. Apesar de a equipe inglesa contar com craques do calibre de Djorkaeef e Okocha, o destaque do jogo foi Gustavo Nery. O curinga são-paulino marcou quatro vezes e fez as assistências para os outros dois, um de Fábio Simplicio e outro de Diego Tardelli.

No jogo-treino com o próprio Manchester United, em Carrington, centro de treinamento do time, o placar foi de 2 a 2. Diego Tardelli e Marcos Antonio deixaram sua marca.

EFEITOS NA PRÁTICA

O São Paulo aplicará em 2004 parte do que vem aprendendo em termos de mercado com o Manchester United. Os jogadores do time profissional, por exemplo, terão camisas com numeração fixa para que o clube possa medir a venda delas e aumentar, até mesmo, a comercialização como um todo.

“Estamos aproveitando a chance de aprender com um time com muito tempo de mercado e tradição. Dessa forma, podemos pôr em prática agora ações que levaríamos dez anos para desenvolver. Claro que os mercados são diferentes e temos de realizar adaptações, ‘tropicalizar’ o que aprendemos. Mas podemos avançar muito”, afirmou Eduardo Moratto, executivo de marketing do São Paulo.



Dorival Decousseau,
diretor de marketing
do São Paulo: parcerias
com finalidades distintas



Garotos de atitude

Os atletas que foram promovidos ao profissional em 2003 ajudaram o São Paulo a conquistar resultados importantes e devem proporcionar muito mais alegria em 2004

**Por Frederico
Rebello Nehme**

O Tricolor paulista sempre foi um dos clubes brasileiros que mais acreditaram em jovens talentos. 2003 não destoou dessa filosofia e a garotada promovida ao profissional demonstrou raça, vontade de vencer e técnica.

Os atacantes Kléber (campeão mundial pela seleção sub-20) e Diego Tardelli, o lateral-esquerdo Fábio Santos, o lateral-direito Tiago, o zagueiro Edcarlos, o armador Marcos Antonio e o volante Marcelo Gallo conquistaram a torcida.

Essa ascensão nada mais é do que o reflexo da política do São Paulo em relação às categorias de base. Visando abastecer o profissional, o clube está sempre ligado nos novos nomes do cenário nacional e investe sem

medo na formação de atletas. Existem atualmente no São Paulo quatro categorias de futebol amador, além, é claro, do time principal. Ao todo são 112 jogadores. Do dente-de-leite aos juniores, os futuros boleiros são acompanhados de perto pela coordenação técnica. "Observamos o potencial de cada jogador desde o início de sua carreira. Tentamos, porém, não criar expectativas. Algumas promessas se revelam desde cedo. Mas grandes nomes podem surgir ao longo do tempo", afirmou Júlio Moraes, diretor de futebol amador do São Paulo.

O Tricolor tem procurado melhorar, desde 2002, ainda mais a estrutura do futebol de base. Há um ano e meio aproximadamente, suas categorias de baixo passaram a treinar no Sportville, em Barueri, e Cilinho - que ficou conhecido por conta do bicampeonato paulista na

década de 80 com o São Paulo e por revelar craques como Sidney e Müller - foi contratado para organizar e planejar o departamento. "O entrosamento maior entre as diferentes categorias trouxe muitas vantagens. Os jogadores passaram a acompanhar o trabalho dos outros, os diversos comportamentos, gerando, de certa forma, uma troca de experiências", explicou Cilinho, coordenador técnico das categorias de base.

CAÇA-TALENTOS

Cilinho mantém vários olheiros espalhados entre os mais distantes e diferentes Estados brasileiros. Eles indicam nomes para integrarem os times do São Paulo. "Recebo informações de vários pontos do País e trazemos atletas constantemente para avaliação. É necessário formar sempre uma base de craques." Sobre o grupo que ascendeu ao time principal em 2003, ele acredita que todos os atletas possuíam qualidade suficiente para atuar no profissional. "São garotos que surpreenderam. Para ser sincero, fiquei um pouco receoso no início. Mas, com o tempo, eles se firmaram."

Moraes conta que houve um certo receio em promover alguns nomes. "Não queríamos queimar etapas no desenvolvimento de nenhum dos jo-

gadores. Mas acredito que isso não aconteceu." Segundo Marcelo Portugal Gouvêa, presidente são-paulino, o número de aspirantes promovidos foi maior do que o normal. "Mas conseguimos atletas de muita qualidade. Foi uma safra que nos orgulhou muito."

O São Paulo talvez seja o clube nacional com maior tradição em revelar talentos e formar jogadores tanto para o futebol brasileiro quanto para o exterior. Apenas para citar alguns exemplos, pode-se falar de Kaká, recentemente vendido para o Milan, e Rogério Ceni, atual goleiro do time principal.

De acordo com Moraes, essa tradição é fruto de um investimento constante na formação de atletas e da manutenção de uma política voltada para o desenvolvimento desses novos talentos. "O São Paulo não encara o futebol de base como despesa e, sim, como investimento. Além de aumentarmos, e muito, a qualidade e variedade de nosso elenco, conseguimos também um retorno financeiro com a negociação e a economia na contratação", argumenta.

Afora as atividades no clube, os garotos vão regularmente à escola e fazem cursos extracurriculares, como informática. Como a maior par-

TIAGO

de Oliveira Souza
Nascimento: 16/03/83
Local: São Paulo (SP)
Posição: lateral-direito
Altura: 1,75m
Peso: 65 quilos

"Algumas promessas se revelam desde cedo. Mas grandes nomes podem surgir ao longo do tempo"

Júlio Moraes, diretor de futebol amador do São Paulo

DIEGO TARDELLI

Martins
Nascimento: 10/05/85
Local: Sta. Bárbara d' Oeste
Posição: atacante
Altura: 1,78m
Peso: 71 quilos

MARCOS ANTONIO

Miranda Filho
Nascimento: 09/11/84
Local: São Paulo (SP)
Posição: meio-campista
Altura: 1,82m
Peso: 70 quilos

EDCARLOS

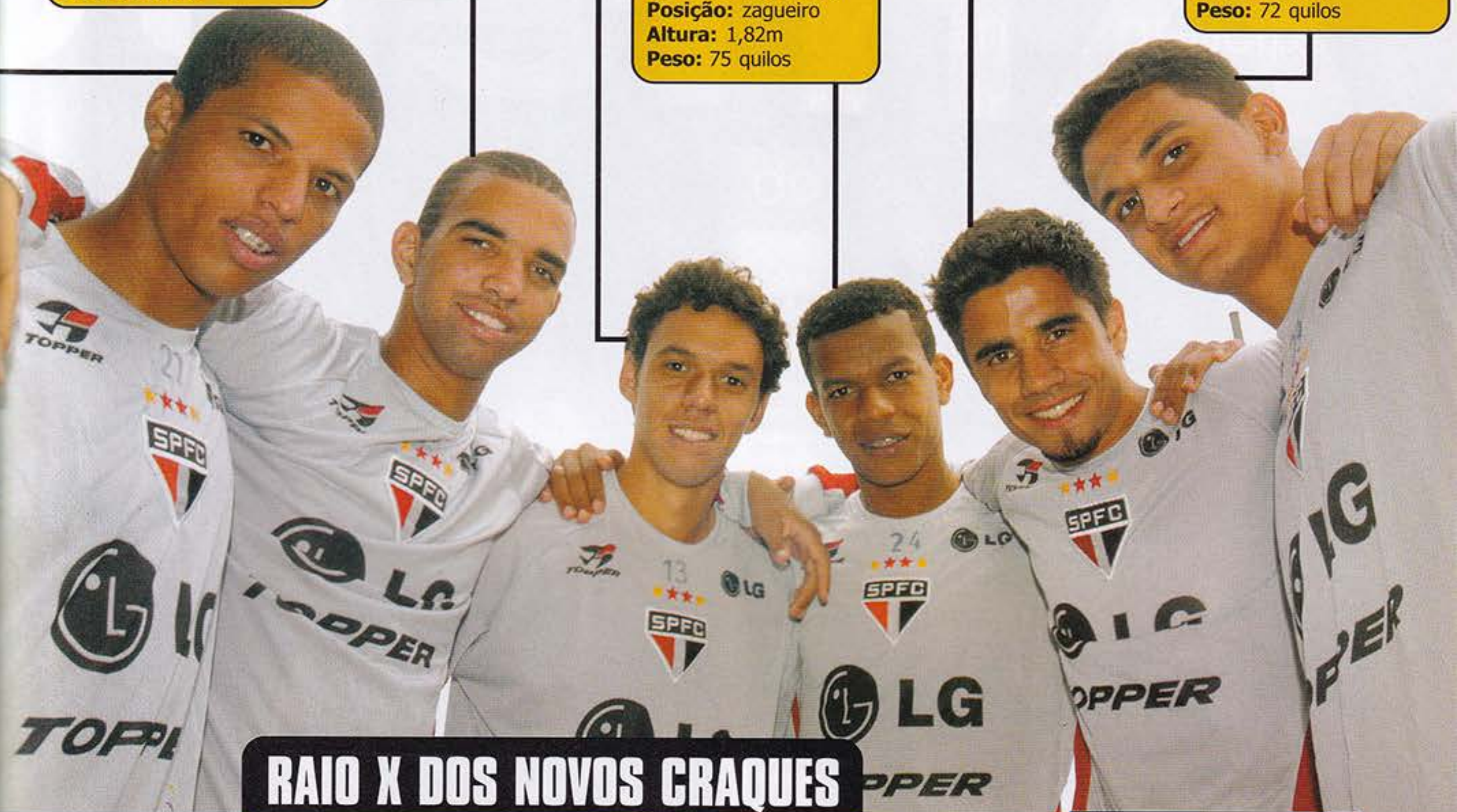
Conceição Santos
Nascimento: 10/05/85
Local: Salvador (BA)
Posição: zagueiro
Altura: 1,82m
Peso: 75 quilos

GALLO

Marcelo Silveira Zaragoza
Nascimento: 22/01/82
Local: Campo Grande (MS)
Posição: meia-armador
Altura: 1,80m
Peso: 72 quilos

FÁBIO SANTOS

Romeu
Nascimento: 16/09/85
Local: São Paulo (SP)
Posição: lateral-esquerdo
Altura: 1,76m
Peso: 72 quilos

**RAIO X DOS NOVOS CRAQUES**

te deles vem de fora do Estado de São Paulo, a responsabilidade do clube no gerenciamento de todo esse processo aumenta. "Temos de fornecer uma estrutura completa de apoio."

ADAPTAÇÃO

Os novos atletas do profissional do São Paulo dizem que a adaptação foi tranquila. No início, mantinham contato mais estreito com os antigos parceiros. Aos poucos, entretanto, ganharam a simpatia e a confiança de todos. "Fui recebido como um irmão pelo time. Claro que, no começo, ainda não ficávamos tão à vontade. Mas depois contei com o apoio de todo o grupo", afirmou Tardelli.

Segundo Gallo, a cobrança é outro fator a ser assimilado. "Sem

dúvida, passamos a ficar muito mais visados. É uma cobrança bem maior do que nas categorias de base. Mas é saudável porque nos motiva a jogar melhor." Para Marcos Antonio, a principal diferença no cotidiano foi a agenda mais cheia de compromissos. "Fiquei mais tempo longe da família. Viajei mais e fiquei em concentração com o time. Além disso, o dia-a-dia não é mais de estudarmos fundamentos do futebol, como nas categorias de base, e sim mostrar tudo o que podemos a todo instante."

No caso de Tardelli, o trabalho no profissional refletiu-se também num assédio maior da torcida. "Logo depois das primeiras partidas de que participei, muita gente passou a me reconhecer na rua, o que não acontecia antes."

Com o sucesso de outros jogadores provenientes das categorias de base, os garotos do time principal acabam buscando inspiração em carreiras bem-sucedidas. "Acho que temos muitos exemplos de jogadores de ótimo nível que trilharam o mesmo caminho que nós, o que é um incentivo para trabalharmos com mais empenho ainda", revelou Edcarlos.

Fábio Santos acredita que jogar na equipe principal significa a chance de iniciar uma carreira com grandes vantagens. "Se trabalharmos com humildade, podemos crescer aprendendo com a experiência de nossos colegas."

Apesar dos bons serviços prestados, em 2004 alguns jovens talentos podem ser emprestados a outros clubes para adquirirem mais cancha.

Caminhada rumo ao terceiro título da Copinha

Os meninos do Morumbi começam, em 4 de janeiro, contra o Criciúma, a luta por mais um troféu na Copa São Paulo de Futebol Juniores. A sede do Tricolor está localizada em Suzano. Além dos catarinenses, o time dirigido pelo técnico Marcos Cezar Vizolli terá pela frente o Ecus (SP) e o Fluminense (PI). Este ano, brigarão pelo título 80 equipes, oito a mais que em 2003. Na primeira fase, as agremiações estão divididas em 20 grupos iguais, classificando-se para a próxima etapa somente os campeões.

Pronto para dominar a América



Uma prévia do que deve vir: Diego Tardelli comemorando seu gol, com Luís Fabiano, na partida contra o River Plate, pela Sul-Americana; à frente Costanzo, goleiro argentino, não acreditando no que acabara de acontecer

ca
(de novo)



O São Paulo Futebol Clube, após uma década, volta à disputa da Copa Libertadores da América, principal torneio interclubes do continente

**Por Frederico
Rebello Nehme**

Finalmente. Depois de dez anos, o São Paulo volta à competição interclubes mais importante da América. O retorno à Libertadores é mais do que um alívio para a torcida. Tornou-se um sinal de esperança de novos tempos.

O torneio, longo e tortuoso, deverá ocorrer ao mesmo tempo que algumas competições nacionais. Portanto, exigirá trabalho duro e planejamento complexo. Com oito participações e um bicampeonato, que culminou nas duas conquistas do Mundial, o time do Morumbi figura entre os grandes nomes desse certame.

O Tricolor, entretanto, precisará reunir forças para tentar alcançar o título desde a primeira partida. Já que o torneio passou por modificações nos últimos anos e agora tem mais jo-

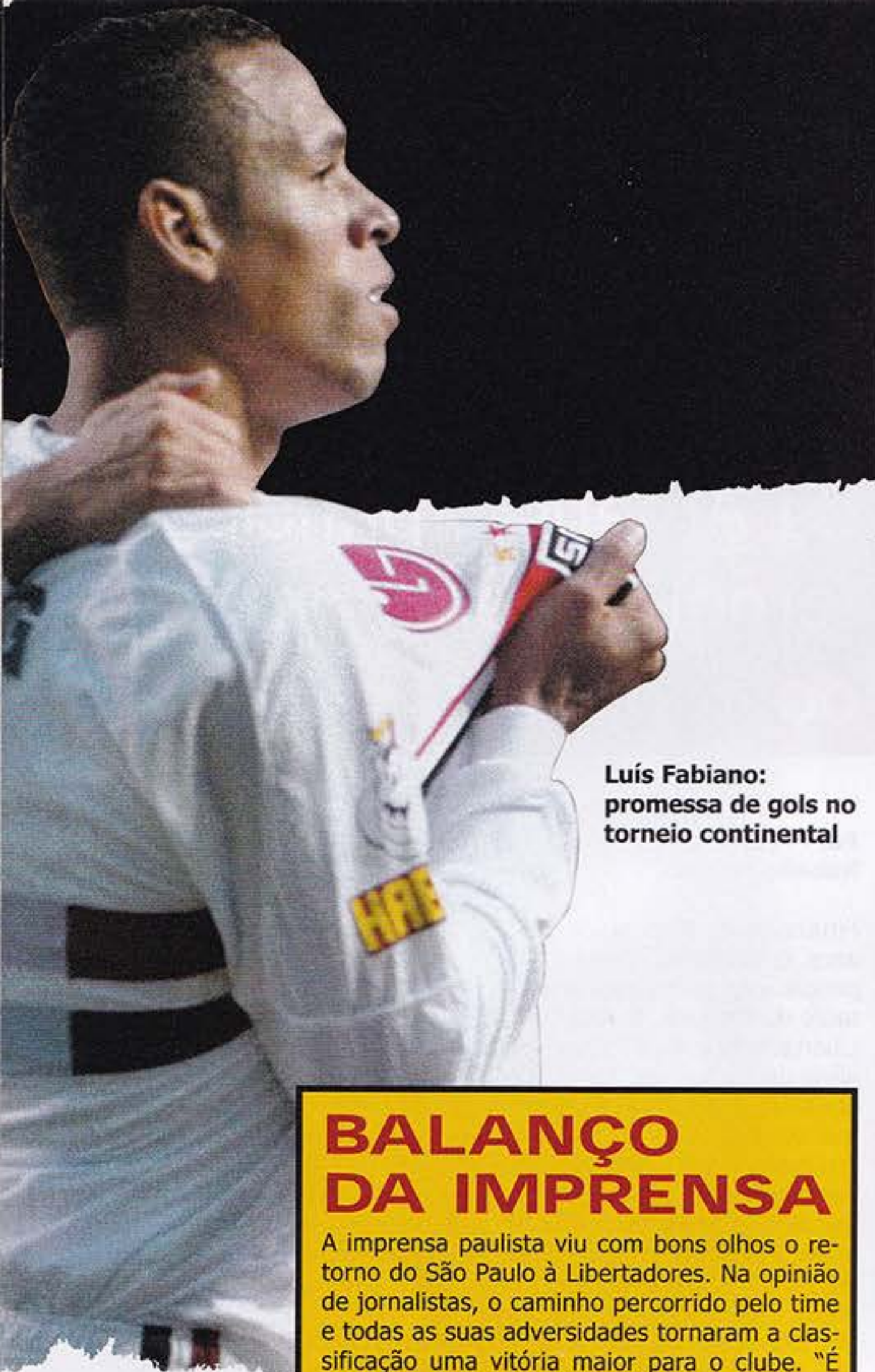
gos em suas primeiras fases, fato que termina aumentando o desgaste dos participantes e favorecendo a equipe que tiver maior regularidade nos resultados. Além disso, a tradicional rivalidade entre brasileiros e demais sul-americanos voltará à tona, com jogos no exterior e grande pressão das torcidas adversárias, elementos que o elenco são-paulino terá de enfrentar. A expectativa, sem dúvida, é grande. A esperança de retornar ao cenário mundial foi retomada depois do jejum de uma década.

TRAJETÓRIA

Chegar à Libertadores da América depois de um 2003 conturbado – que contou com dificuldades como a saída de Kaká e a mudança de técnico – trouxe um certo alívio ao São Paulo no final do ano passado. Roberto Rojas, que deixou de ser treinador de goleiros para transformar-se em comandante da

"Esse é o sonho que tenho. Vai ser o objetivo do ano não só na minha cabeça como na de todos os outros atletas"

Rogério Ceni



Luís Fabiano:
promessa de gols no
torneio continental

BALANÇO DA IMPRENSA

A imprensa paulista viu com bons olhos o retorno do São Paulo à Libertadores. Na opinião de jornalistas, o caminho percorrido pelo time e todas as suas adversidades tornaram a classificação uma vitória maior para o clube. "É sempre bom ver a volta de um time como o São Paulo à Libertadores, já que a participação de campeões do torneio sempre engrandece o campeonato. Para alcançar a classificação, o clube teve uma trajetória sofrida, mas com muitos méritos. Agora, precisa se preparar para uma competição longa e desgastante", afirma Erich Beting, repórter especial do diário de esportes *Lance!*.

Segundo Valéria Zukeran, do jornal *O Estado de São Paulo*, a classificação pode ser encarada como tão importante quanto a conquista do Campeonato Brasileiro. "A torcida esperava, há muito, a volta do São Paulo ao circuito internacional. E, nesse sentido, a participação na Libertadores é uma conquista muito importante, assim como ressaltar a qualidade do trabalho de Rojas e Milton Cruz no comando do time. Os dois foram, em grande parte, responsáveis por esse resultado", diz.

De acordo com Luís Augusto Neto, do *Diário de São Paulo*, a volta do Tricolor à Copa Libertadores foi mais do que merecida. "Foi um retorno justo. O São Paulo tem muitos méritos, pois, apesar das dificuldades no elenco, conseguiu um bom resultado. Mas, desde o início do Campeonato Brasileiro, o time tinha condições de alcançar a Libertadores."

"Cheguei a ser apedrejado pela torcida adversária em um jogo contra o Independiente. As coisas hoje são mais amenas"

Valdir Perez

equipe ainda no primeiro semestre de 2003, conseguiu manter o time entre os primeiros do Campeonato Brasileiro e garantir certa dose de estabilidade. "Desde que assumi, a meta estipulada pela diretoria do São Paulo era voltar à Libertadores. E foi o que conseguimos, apesar das muitas dificuldades", afirma.

Para Marcelo Portugal Gouvêa, presidente do São Paulo, a torcida alimenta um grande desejo de ver seu time de volta às competições internacionais. "A classificação foi uma grande conquista, acompanhada de perto por nossos torcedores. A disputa da Sul-Americana e os jogos no Brasil foram uma amostra disso. Tivemos apoio total."

O meia Souza também destaca a importante participação dos torcedores. "Quero ver muitas vezes o Morumbi lotado como no jogo entre São Paulo e River Plate. Me arrepiei todo. Foi contagiante ver o estádio cheio daquele jeito."

A disputa da Sul-Americana, a propósito, foi encarada como uma prévia da participação do São Paulo na Libertadores. Apesar da desclassificação diante do time portenho nos pênaltis, a campanha tricolor serviu para preparar os jogadores para as competições internacionais que enfrentarão. "Sem dúvida, o time ganhou muita experiência. Por termos um elenco novo, foi muito válida a participação do São Paulo na Copa Sul-Americana. Mesmo não chegando tão longe quanto esperávamos, a

avaliação final é positiva", argumentou Milton Cruz, então auxiliar-técnico de Roberto Rojas.

Sobre a experiência internacional do elenco, o ex-volante Dinho, bicampeão mundial pelo São Paulo em 1993, dá um conselho aos mais jovens. "É preciso ter muita calma e não ceder às provocações da torcida e dos jogadores. Tem de chegar com humildade e se concentrar ao máximo para conseguir os resultados."

MUDANÇAS

Para alguns ex-jogadores do São Paulo, a disputa da Libertadores da América mudou consideravelmente ao longo dos anos. Um dos fatores que mais passaram por alterações foi a arbitragem, que teria ficado mais imune às pressões. "Era um problema muito grave antes. Hoje, isso melhorou muito. O São Paulo já foi muito prejudicado nesse torneio por erros de juízes", diz Chicão, que participou da Libertadores pelo São Paulo em 74.

Segundo Valdir Perez, goleiro do São Paulo nas Libertadores de 74 e 78, a violência e as provocações entre os times sul-americanos eram muito maiores. "Se jogava muito mais pesado naquela época. A violência era descarada. Cheguei a ser apedrejado pela torcida adversária em um jogo contra o Independiente. As coisas hoje são mais amenas."

Serginho Chulapa, que defendeu o Tricolor na disputa de 82, acredita que atualmente o tor-

neio é uma vitrine maior para os jogadores. "Com uma boa atuação, um jogador pode passar a ficar conhecido em todo o mundo. A Libertadores é muito mais visada do que antes. Atrai muitas atenções."

A classificação para a Libertadores 2004 serviu para redobrar os ânimos do elenco. Souza, por exemplo, está querendo que o tempo passe rapidamente. Não vê a hora de entrar em campo para disputar o torneio. "Para mim, estar nessa Libertadores significa tudo. Será a minha primeira."

Rogério Ceni, titular da camisa um tricolor desde a saída de Zetti, em 96, também comemorou. "Durante 2003, disse que só conseguiria sair de férias com a cabeça tranqüila se o time conseguisse voltar à Libertadores. No dia em que ganhamos da Ponte Preta e garantimos a vaga, foi um alívio para mim. Porque, há muito tempo,

te do plantel nas conquistas mundiais, guarda boas recordações dessa época. "O Telê era uma pessoa muito inteligente e tinha objetivos bem definidos. Acho que todos sabíamos que estávamos participando de um grande time e tínhamos muito respeito por ele. Os resultados, sem dúvida, marcaram a nossa carreira e o futebol brasileiro", afirma Toninho Cerezo. "Acredito que eu tenha sido um privilegiado por ter jogado naquela equipe e conseguido alcançar esses resultados. Éramos novos, mas tínhamos muita concentração e dedicação para conquistar os títulos", arremata Dinho.

Para Casagrande, ex-jogador do São Paulo e hoje comentarista esportivo, a atual estrutura da Libertadores é mais democrática, o que possibilita maiores chances de classificação para os times. "Agora, não é mais aquele mata-mata de antes. Temos

"Para mim, estar nessa Libertadores significa tudo. Será a minha primeira"

Souza

eu perseguia isso."

O arqueiro está vivendo um momento especial e garante que a equipe está com a cabeça voltada para o torneio. "Vamos fazer o máximo possível para ganhar essa Libertadores da América. Esse é o sonho que tenho. Vai ser o objetivo do ano não só na minha cabeça como na de todos os outros atletas. Aí, sim, o sonho são-paulino vai estar completo."

FASE ÁUREA

Considerada por muitos a melhor fase do Tricolor, a era Telê contou com atletas de primeira linha que ajudaram a pôr o nome do São Paulo ao lado dos maiores clubes do planeta. Toninho Cerezo, que fazia par-

mais chaves de clubes. E isso permite um acesso mais viável às etapas finais. Com uma maior transmissão pela TV, reduziram-se também os problemas de arbitragem, o que diminuiu os prejuízos aos clubes."

Casagrande acredita que as chances do São Paulo dependem de um forte planejamento. "É necessário manter um time estável e com um bom elenco, pois todas as partidas são muito duras e um resultado negativo pode ser fatal."

Segundo Cerezo, o São Paulo conta com a vantagem de amedrontar os adversários. "O São Paulo sempre deixa as outras equipes com certo medo, pois tem uma história muito forte. É um time de chegada."



Mesmo com a chegada de Cuca, Rojas (ao lado) e Milton Cruz continuam fazendo parte da comissão técnica

BATE-BOLA COM ROBERTO ROJAS E MILTON CRUZ

Como foi assumir o São Paulo no começo de um importante campeonato nacional?

ROBERTO ROJAS - Minha relação com o time sempre foi muito boa. Tive de assumir outras funções, como administrar problemas, o que gerou um desgaste muito grande. Mas isso foi bom. Como técnico, tive de tomar decisões que, às vezes, não agradavam a todos. Apesar disso, montamos uma estratégia com os jogadores e traçamos uma meta em comum: a classificação para a Libertadores da América.

MILTON CRUZ - Tínhamos um entrosamento, pois conhecíamos o elenco. Contamos também com um grande apoio dos jogadores, que nos ajudaram no posicionamento tático. Mesmo sabendo que nossa atividade era interina, eles colaboraram bastante.

A classificação para a Libertadores era tida como certa por vocês?

RR - Assumimos com o objetivo de classificar o São Paulo para a Libertadores, sim. Mas, pessoalmente, não me conformo apenas com isso. O São Paulo tem de pensar sempre em ser campeão de qualquer torneio que dispute. Perdemos muito tempo conformados em figurar entre os primeiros. É hora de mudar. O São Paulo é muito grande para isso.

MC - Quando assumimos, conseguimos pôr o São Paulo nas primeiras posições do Campeonato Brasileiro. De certa forma, isso nos deu alguma tranqüilidade. Mas lutamos para chegar à Libertadores até garantirmos definitivamente a classificação.

Como foi lidar com as dificuldades e as limitações do elenco são-paulino?

RR - Houve desfalques por contratações e contusões, por exemplo, que tivemos de sanar com os novos jogadores. Conversamos muito com Cilinho e trouxemos os meninos para manter um elenco de qualidade. As categorias de base servem para isso. Difícilmente, o São Paulo repetiu a escalação nas partidas do Brasileiro. E, mesmo assim, manteve sua qualidade técnica.

MC - Tivemos de improvisar em alguns momentos e a solução foi reforçar o elenco com atletas de base. Agora, existe um time novo, que precisará de reforços para disputar a Libertadores, mas muito promissor. Pois são atletas, em grande parte, formados aqui no São Paulo. E eles estão muito determinados a mostrar seu trabalho.

história

A HISTÓRIA DO SÃO PAULO NA LIBERTADORES

1972 – Essa foi a primeira participação tricolor no torneio. O clube ficou entre os seis primeiros colocados, sendo desclassificado pelo Independiente, da Argentina, nas semifinais.

1974 – Dois anos depois de estreiar no principal torneio interclubes do continente, a nação são-paulina viu novamente o Independiente - numa final com três jogos e definida nos pênaltis - sair com a vitória.

1978 – Com apenas uma vitória, a equipe foi desclassificada pelos chilenos do Unión Española, que corriam muito.

1982 – Com duas derrotas para o Peñarol, do Uruguai, o São Paulo foi eliminado na primeira fase. A arbitragem da partida disputada em Montevideu foi enormemente contestada, pois o zagueiro Oliveira fez o gol uruguaio depois de ajeitar a bola no braço.

1987 – O São Paulo não conseguiu resultados positivos e terminou deixando o torneio logo na primeira etapa. Seu grupo era formado por Guarani, Cobreloa (único adversário que perdeu para o Tricolor) e Colo Colo.

1992 – Com Telê Santana no comando, o Tricolor paulista conquistou seu primeiro título no torneio. A partida final, contra o Newell's Old Boys, da Argentina, foi decidida nos pênaltis no Estádio do Morumbi.

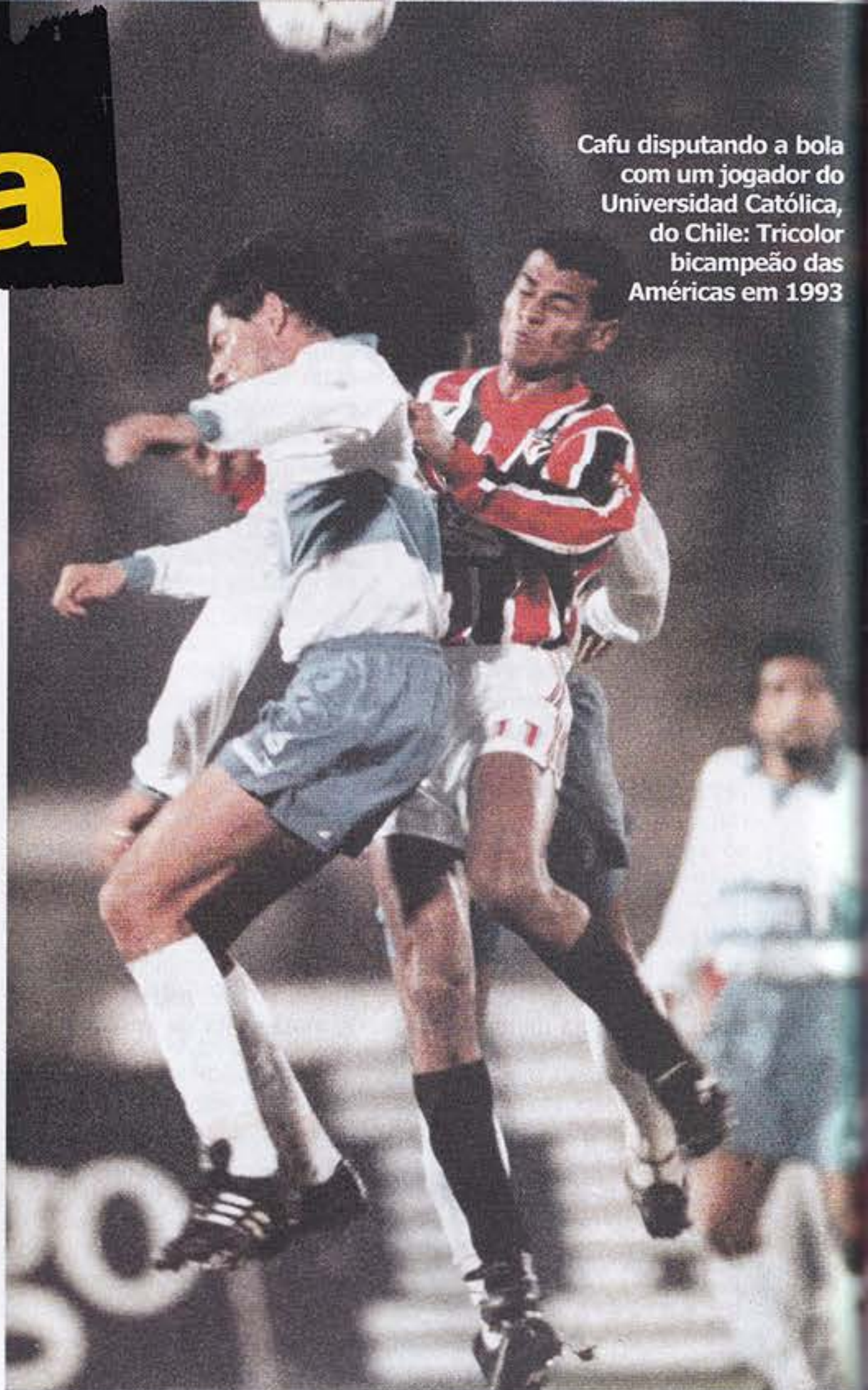
1993 – O São Paulo chegou ao segundo título diante do Universidad Católica, do Chile. O time goleou os adversários no primeiro jogo no Estádio do Morumbi por 5 a 1.

1994 – O Tricolor disputou a final, mas perdeu, nos pênaltis, para o argentino Vélez Sarsfield, que, na época, contava com o goleiro paraguaio José Luis Chilavert.

Pedro Rocha:
vice-campeão
da Libertadores
em 1974



Cafu disputando a bola com um jogador do Universidad Católica, do Chile: Tricolor bicampeão das Américas em 1993



Equipe bicampeã da Libertadores da América em 1993: (de pé da esq. para a dir.) Gilmar, Zetti, Dinho, Vitor, Pintado e Marcos Adriano; (agachados no mesmo sentido) Müller, Palhinha, Válber, Raí e Cafu



Antonio Carlos
erguendo a taça
tricolor em 1992



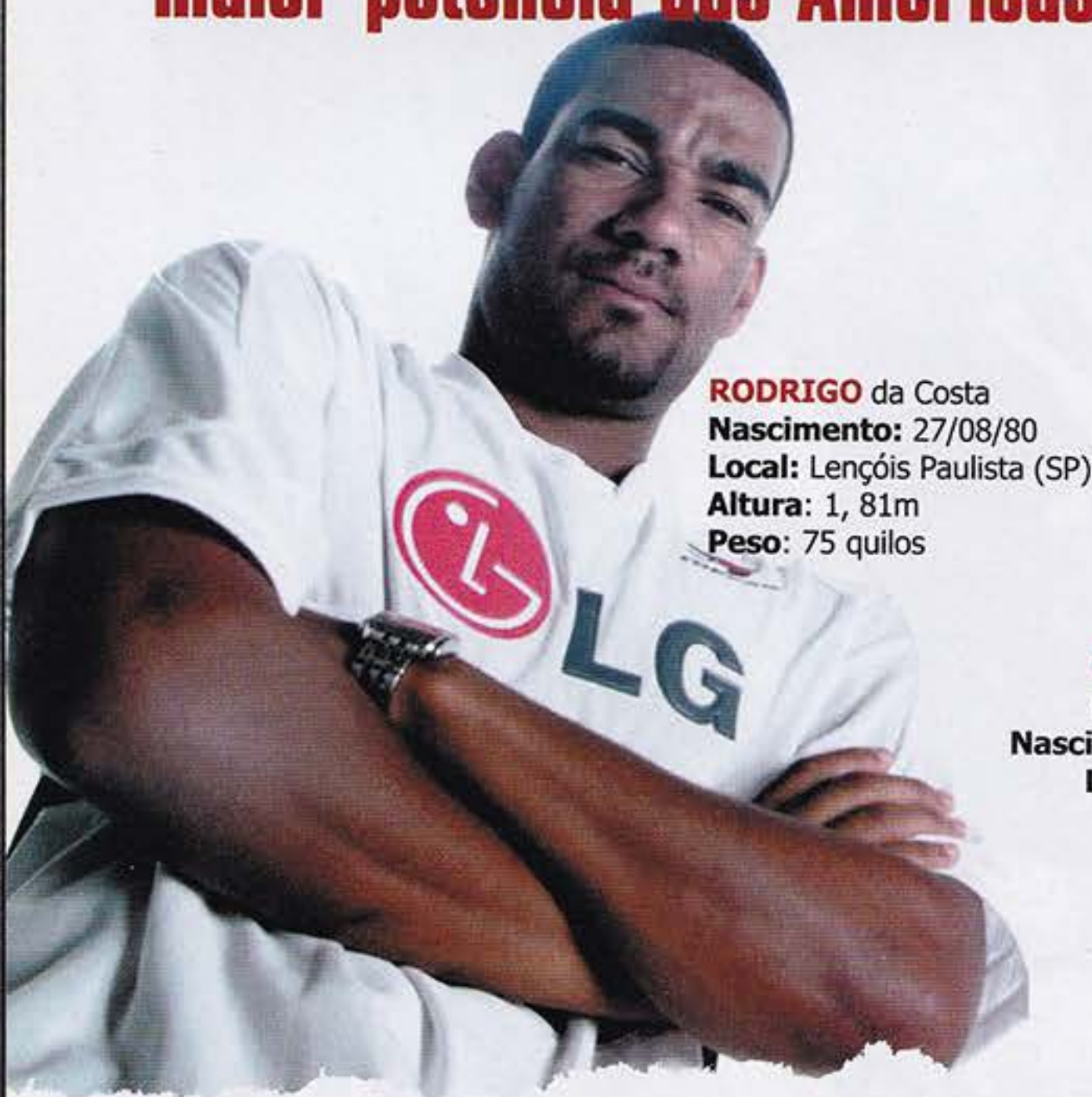
Libertadores de 1993:
São Paulo 2 x 1 Palmeiras



Time campeão da Libertadores da América em 1992: (de pé da esq. para a dir.) Ivan, Adilson, Zetti, Cafu, Ronaldo e Antonio Carlos; (agachados no mesmo sentido) Müller, Palhinha, Pintado, Rafi e Elivélton

A nova cara do Tricolor

A diretoria começa o ano reforçando o elenco para o São Paulo ser, novamente, a maior potência das Américas



RODRIGO da Costa
Nascimento: 27/08/80
Local: Lençóis Paulista (SP)
Altura: 1, 81m
Peso: 75 quilos

"O São Paulo é a melhor coisa que poderia acontecer na minha vida"

Por Sergio Luci
Fotos Agência Lance

Objetivando conquistar o terceiro título da Copa Libertadores, a diretoria do São Paulo Futebol Clube não perdeu tempo. Assim que o Brasileiro de 2003 deu-se por encerrado, o presidente Marcelo Portugal Gouvêa iniciou o período de contratações. Os zagueiros Fabão, que estava no Goiás, e Rodrigo, da Ponte Preta; o meia Velber, ex-Paysandu; o atacante Grafite, revelação do time goiano no campeonato nacional passado; e o lateral-direito Cicinho, do Atlético-MG, foram os primeiros a ser anunciados. Até o fechamento desta edição, o Tricolor ainda negociava com Danilo, meia do Goiás.

Tendo como principal característica a determinação, Fabão, de 27 anos, chega para brigar por um espaço na equipe. Nascido em Vera Cruz, esse baiano de 1, 87m conta com o aval de Cuca, pois trabalharam juntos na temporada passada. Com espírito de liderança e enorme dedicação, o atleta sabe da gigante responsabilidade que terá pela frente. Mas já sabe como enfrentá-la. "Sei que a responsabilidade é grande. Para superá-la, só existe um jeito: trabalho," declarou ao diário *Lance!*

Outro zagueiro que aportou no Morumbi foi Rodrigo, de 23

anos. Sua principal característica é a impulsão. O atleta, que também tem boa reposição de bola, disputou 76 partidas pela Ponte Preta e marcou seis gols.

Por enquanto, o maior investimento para temporada 2004 é Velber. O paraense foi o cérebro do "Papão" no Brasileiro de 2003. O jogador, de 25 anos, não vê a hora de vestir a camisa do clube. "O São Paulo é a melhor coisa que poderia acontecer na minha vida", disse ao *Lance!*

Com faro de artilheiro e considerado uma das sensações da temporada passada, o atacante Grafite, 24, terá a missão de dividir os gols do time com Luís Fabiano. No Brasileirão 2003, balançou as redes 13 vezes.

Para a lateral-direita, o Tricolor trouxe Cicinho, jogador de 23 anos cuja contratação, em 2001, já havia sido cogitada. Nessa época, porém, ele defendia o Botafogo de Ribeirão Preto. E terminou indo para o futebol de Minas porque as diretorias das equipes paulistas não entraram em acordo. Agora, Cicinho está concretizando um objetivo.

"Acho que tenho o perfil do clube. Até porque sempre quis jogar lá... Pô, tô (*sic*) realizando um sonho. Tô (*sic*) até bobo", disse em entrevista ao diário *Lance!*

VELBER Augusto Pantoja Conceição
Nascimento: 20/05/78
Local: Belém (PA)
Altura: 1, 69m
Peso: 63 quilos



Velber, meia



José Fábio
Alves Azevedo
(FABÃO)
Nascimento: 15/06/76
Local: Vera Cruz (BA)
Altura: 1,87m
Peso: 80 quilos



Cícero João de Cézare
(CICINHO)
Nascimento: 24/06/80
Local: Pradópolis (SP)
Altura: 1,69m
Peso: 69 quilos



Edinaldo Batista
Líbano **(GRAFITE)**
Nascimento: 02/04/79
Local: Campo Limpo
Paulista (SP)
Altura: 1,89m
Peso: 83 quilos

GRUPOS DA LIBERTADORES 2004

GRUPO 1

São Caetano
MÉXICO 2 - (até o fechamento desta edição, nenhum nome havia sido confirmado)
Peñarol (Uruguai)
The Strongest (Bolívia)

GRUPO 2

Vélez Sarsfield (Argentina)
Once Caldas (Colômbia)
URUGUAI 3 - (até o fechamento desta edição, nenhum nome havia sido confirmado)
Unión Maracaibo (Venezuela)

GRUPO 3

Cruzeiro
MÉXICO 1 - (até o fechamento desta edição, nenhum nome havia sido confirmado)
Universidad de Concepción (Chile)
Desportivo Caracas (Venezuela)

GRUPO 4

SÃO PAULO
Liga Deportiva Universitaria de Quito (Equador)
Foi o campeão do torneio nacional equatoriano de 2003. Pode levar vantagem na altitude.
Cobreloa (Chile)
Velho conhecido do Tricolor do Morumbi, o Cobreloa conseguiu vaga na Copa Libertadores por ter vencido o Torneio Apertura do Campeonato Chileno.
Alianza Lima (Peru)
No campeonato de seu país, conseguiu ficar na segunda posição.



GRUPO 5

Independiente (Argentina)
El Nacional (Equador)
Nacional (Uruguai)
PERU 3 - (até o fechamento desta edição, nenhum nome havia sido confirmado)

GRUPO 6

River Plate (Argentina)
COLÔMBIA 2 - (até o fechamento desta edição, nenhum nome havia sido confirmado)
Libertad (Paraguai)
Deportivo Tachira (Venezuela)

GRUPO 7

Santos
Barcelona (Equador)
Guarani (Paraguai)
Jorge Wilstermann (Bolívia)

GRUPO 8

Boca Juniors (Argentina)
COLÔMBIA 3 - (até o fechamento desta edição, nenhum nome havia sido confirmado)
Colo Colo (Chile)
Bolívar (Bolívia)

GRUPO 9

Coritiba
Rosario Central (Argentina)
Olimpia (Paraguai)
Sporting Cristal (Peru)

PARTICIPANTES

Em 2003, a Libertadores tinha 32 participantes. Este ano, passam a ser 36. A competição deve começar em 4 de fevereiro.

CIFRAS QUE IMPRESSIONAM

Na primeira rodada, cada clube receberá US\$ 345 mil por três partidas. Na segunda, US\$ 185 mil. Na terceira, US\$ 240 mil e, nas semifinais, US\$ 330 mil. Os finalistas ganharão US\$ 500 mil e o título valerá mais US\$ 500 mil. Portanto, o campeão levará para casa US\$ 2,1 milhões.

Cuca na cabeça

O técnico Cuca chega para comandar a equipe na temporada 2004 e brigar pelo título da Libertadores

Por Fernando Savaglia/Carlos Mesquita
Foto Agência Lance

Como jogador, Alexi Stival, o Cuca, era raçudo. Defendia com determinação os clubes em que jogava. O meio-campista paranaense iniciou carreira no pequeno time do Santa Cruz, em 1986. Vestiu ainda a camisa de grandes equipes do futebol brasileiro, como Grêmio, Internacional, Palmeiras e Santos. Chegou a ter uma passagem pelo Valladolid, da Espanha, em 1990.

Como técnico, por conta de seu espírito de liderança e mais sua capacidade de extrair o melhor de seus jogadores, foi o responsável pela boa campanha do Goiás no Campeonato Brasileiro de 2003. Para quem se esqueceu, a agremiação goiana era apontada, no final do primeiro turno da competição, como um dos prováveis rebaixados do torneio nacional da temporada.

Cuca assume o comando justamente no momento em que o clube do Morumbi reencontra o caminho das disputas internacionais. E promete, para 2004, uma equipe aguerrida e decidida a conquistar títulos custe o que custar.

Como será o trabalho no São Paulo?

Em todos os clubes que dirijo, sempre mantenho uma postura otimista. Não me lembro de nenhum que tenha fracassado. Confio muito no meu trabalho, na minha comissão técnica. Pelo que conheço do Carlinhos (Neves, preparador físico) e do Milton Cruz, acredito que seremos muito fortes. Meu pensamento é fazer uma temporada muito boa e ganhar títulos.

Você disse que não gosta des-

sa história de priorizar campeonatos. Como disputar a Libertadores em meio a outros torneios nacionais sem perder qualidade?

É a realidade de todos que vão disputar a Libertadores. Santos, Cruzeiro, São Caetano e Coritiba, assim como o Boca Juniors e os demais, estarão disputando simultaneamente outros campeonatos. Vamos nos apresentar em 12 de janeiro. E, no dia 21, haverá jogo pelo Paulista. É lógico que não é possível fazer a equipe jogar nessas primeiras partidas o que estará jogando dali a um ou dois meses. O time vai se aprimorando com o tempo, gradativamente, na preparação física, na adequação tática e no aprimoramento técnico. É evidente que, se me perguntarem que campeonato gostaria de ganhar, respondo, de olho fechado, que é a Libertadores. Mas o São Paulo, pela grandeza que representa, tem condição de ganhar qualquer torneio.

Quais são as deficiências e as virtudes que o São Paulo tem hoje?

Prefiro não falar das deficiências. Quero trabalhar isso internamente. Até porque é possível recuperar jogador. Aconteceu muito isso no Goiás. Se eu chegar e falar que esse ou aquele atleta está mal, não estarei dando a oportunidade de ele mostrar suas qualidades. Apesar de pequeno, o grupo do São Paulo tem muitas virtudes e o clube dá uma condição maravilhosa de trabalho. Isso, para o profissional que gosta de trabalhar, é muito bom.

Como jogador, você se caracterizava pela raça. Você tenta passar isso a seus comandados?

Sim. Isso é uma coisa que levo comigo e que cobro muito do atleta. O torcedor, muitas vezes, não quer as-

sistir a um show. Apenas deseja ver o time dele com atitude, correndo e se empenhando. Não vou cobrar do atacante todas essas características. Mas vou incentivá-lo a dar combate na saída de bola do adversário. Afinal, o caminho mais próximo para marcar um gol é fazendo justamente isso. Essa vontade é o tipo de coisa que não pode faltar para disputar uma Libertadores, por exemplo.

Você está pronto para lidar com as cobranças de uma torcida enorme como a do Tricolor?

Não sei que tipo de cobrança pode existir. Já fui torcedor e, quando meu time estava mal, eu xingava e brigava. Mas, quando estava bem, aplaudia e incentivava. Todo torcedor é igual. Quer ver o time com espírito de luta.

O que você pensa das contratações?

Está havendo um consenso entre mim e a diretoria do clube. Alguns atletas que estão chegando, coincidentemente, já despertavam o interesse do São Paulo. Entre eles, existem jogadores do Goiás que fizeram um bom Campeonato Brasileiro. Isso não quer dizer que chegarão como titulares. Todos vão ser escalados de acordo com o que renderem e produzirem dia a dia.

Quais foram os técnicos de futebol que mais fizeram sua cabeça?

Posso citar o já falecido Ênio Andrade, Dalto Menezes, Antonio Lopes, Luis Felipe Scolari e Leão. O que mais combinou com a minha personalidade, entretanto, foi o Otacílio Gonçalves. Na minha opinião, conseguia fazer o jogador render tudo que sabia.

O que você pode dizer à torcida a respeito do São Paulo comandado por Cuca?

Novo treinador:
disciplina e pegada



RAIO X DE CUCA

Nome: Alexi Stival
Nascimento: 07/06/1963
Local: Curitiba (PR)

CLUBES EM QUE ATUOU

Santa Cruz (84)
Juventude (85 - 86/95)
Grêmio - (87 - 90/92)
Valladolid - ESP (90)
Internacional (91)
Palmeiras (92)
Santos (93)
Portuguesa (94)
Remo (94)
Chapecoense (96)

TÍTULOS COMO JOGADOR

Campeonato Gaúcho (88, 89 e 90) pelo Grêmio
Campeonato Gaúcho (91) pelo Internacional
Copa do Brasil (89) pelo Grêmio

CLUBES COMO TÉCNICO

Uberlândia (98)
Avaí (99/2000)
Brasil (99)
Internacional - SP (2000)
Remo (2001)
Internacional (2001)
Gama (2002)
Criciúma (2002)
Paraná (2003)
Goiás (2003)

Que tento tirar do jogador o máximo que ele puder. Vivo o dia-a-dia do clube como se fosse o meu. Estar no São Paulo, hoje, é o maior orgulho que um profissional pode ter. Não vai me faltar vontade em nenhum momento. E esse desejo de vencer pretendo passar aos jogadores para que os torcedores possam ver, em campo, um São Paulo aguerrido, forte, lutador. Uma equipe organizada. Isso o torcedor pode cobrar porque verá ao longo do ano.



São Paulo Futebol Center

A maior escola de craques do Brasil

0800 120812 | www.saopaulofc.net

→ O SÃO PAULO foi à Bolívia e surpreendeu o The Strongest. Jogando com fôlego de sobra, o time não sentiu os efeitos da altitude de La Paz e goleou

COPA SUL-AMERICANA

Numa partida vibrante,
o São Paulo bateu
o River Plate por 2 a 0.
Mas deixou a vitória
escapar nos pênaltis



The Strongest 1 x 4 São Paulo

THE STRONGEST

Soria; Sartori, García e Carballo; Gutiérrez (Morejón), Cristaldo, Olivares (Alfaro), Coelho e Villaba (Castillo); Alex e Méndez **Técnico:** Nestor Clausen

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Jean, Diego Lugano e Gustavo Nery; Gabriel (Adriano), Alexandre, Fábio Simplicio (Edcarlos), Carlos Alberto e Fábio Santos; Kléber (Diego Tardelli) e Luís Fabiano **Técnico:** Roberto Rojas

Gols: Kléber aos 30min do primeiro tempo; Cristaldo aos 24min, Luís Fabiano aos 25min, Kléber aos 35min e Gustavo Nery aos 45min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Alfaro; Kléber, Alexandre e Diego Lugano • **Juiz:** Ubaldo Aquino • **Data:** 29/10/2003 • **Local:** Estádio Hernando Siles, La Paz (Bolívia)

São Paulo 3 x 1 The Strongest

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Jean (Edcarlos), Diego Lugano e Gustavo Nery (Fábio Santos); Gabriel, Adriano, Carlos Alberto, Fábio Simplicio (Ailton), Souza e Fabiano; Diego Tardelli **Técnico:** Roberto Rojas

THE STRONGEST

Berdugo; Gutiérrez, Sartori, Jiguchi, Carballo e Villalba (Morejón); Olivares, Arteaga (Melgar), Alex da Rosa (Castillo) e Coelho; Gigena **Técnico:** Néstor Clausen

Gols: Diego Tardelli aos 7min, Alex da Rosa aos 20min, Souza aos 35min e 45min do primeiro tempo • **Cartões amarelos:** Jean; Carballo, Alex da Rosa, Jiguchi e Arteaga • **Juiz:** Carlos Torres • **Data:** 12/11/2003 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

River Plate 3 x 1 São Paulo

RIVER PLATE

Costanzo; Ahumada, Ameli, Tuzzio (Tula) e Ricardo Rojas; González, Guillermo Pereyra, Coudet (Barrado) e Gallardo (Dominguez); Montenegro e López **Técnico:** Manuel Pellegrini

SÃO PAULO

Rogério; Jean, Lugano e Gustavo Nery; Gabriel, Adriano, Carlos Alberto (Rico), Fábio Simplicio, Souza (Fábio Santos) e Fabiano; Luís Fabiano **Técnico:** Roberto Rojas

Gols: Gallardo aos 11min e Gustavo Nery aos 42min do primeiro tempo; Gallardo aos 2min e Barrado aos 22min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Coudet e Ameli; Fabiano e Jean • **Juiz:** Gilberto Hidalgo • **Data:** 26/11/2003 • **Local:** Estádio Monumental de Nuñez, Buenos Aires (ARG)

São Paulo 2 x 0 River Plate

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Gabriel, Jean, Diego Lugano e Fábio Santos; Adriano (Rico), Fábio Simplicio, Gustavo Nery (Fabiano) e Souza; Luís Fabiano e Diego Tardelli **Técnico:** Roberto Rojas

RIVER PLATE

Costanzo; Ahumada, Ameli, Tuzzio e Ricardo Rojas; Coudet, Guillermo Pereyra, González (Barrado) e Gallardo (Ludueña); Montenegro (Dominguez) e Maxi López **Técnico:** Manuel Pellegrini

Gols: Rico aos 23min e Diego Tardelli aos 29min do segundo tempo • **Pênaltis:** Rogério Ceni e Fábio Simplicio; Dominguez, Coudet, Ludueña e Tuzzio • **Cartões amarelos:** Jean, Fábio Simplicio, Diego Tardelli e Diego Lugano; Coudet e Ahumada • **Cartões vermelhos:** Rico, Jean e Luís Fabiano; Ameli, Pereyra e Barrado • **Juiz:** Jorge Larrión • **Data:** 04/12/2003 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

→ Contra o Fluminense, o time do Morumbi conseguiu uma vitória por 1 a 0. Quem marcou o gol foi **LUÍS FABIANO** (foto abaixo)

BRASILEIRO 2003

São Paulo 1 x 0 Coritiba

SÃO PAULO Rogério Ceni; Gabriel, Jean, Diego Lugano e Fabiano; Adriano, Fábio Simplício, Fábio Santos e Edcarlos; Luís Fabiano e Kléber
Técnico: Roberto Rojas

CORITIBA Fernando; Edinho Baiano (Ceará), Odvan e Reginaldo Nascimento; Danilo, Adriano, Roberto Brum, Souza e Jackson (Marco Brito); Marcel e Edu Salles (Helinho) **Técnico:** Paulo Bonamigo

Gol: Luís Fabiano aos 13min do primeiro tempo • **Cartões amarelos:** Fabiano e Kléber; Adriano e Danilo • **Juiz:** Sérgio Cristiano Nascimento • **Data:** 02/11/2003 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

São Paulo 1 x 0 Fluminense

SÃO PAULO Rogério Ceni; Gabriel (Souza), Jean, Diego Lugano e Fábio Santos (Diego Tardelli); Alexandre, Carlos Alberto, Fábio Simplício e Gustavo Nery; Kléber e Luís Fabiano **Técnico:** Rojas

FLUMINENSE Kléber; Júnior César, Antônio Carlos (Zé Carlos), Rodolfo e Jadilson; Marcão, Sidney, Carlos Alberto e Esquerdinha (Diego); Marcelo (Thiago) e Romário **Técnico:** Renato Gaúcho

Gol: Luís Fabiano aos 48min do segundo tempo • **Cartões Amarelos:** Carlos Alberto, Jean, Diego Lugano e Souza; Júnior César • **Juiz:** Clever Assunção Gonçalves • **Data:** 05/11/2003 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

Atlético-PR 4 x 3 São Paulo

ATLÉTICO-PR Diego; Rogério Corrêa, Igor e Tiago; Alessandro (Rodrigo), Douglas Silva, Luciano Santos, Adriano (Alessandro Lopes) e Ivan; Fernandinho e Ricardinho (Jádson) **Técnico:** Mário Sérgio

SÃO PAULO Rogério; Diego Lugano, Jean e Gustavo Nery (Diego Tardelli); Gabriel (Souza), Alexandre, Carlos Alberto e Fábio Simplício; Kléber e Luís Fabiano **Técnico:** Roberto Rojas

Gols: Fernandinho aos 37min e aos 46min do primeiro tempo; Ricardinho aos 5min, Luís Fabiano aos 6min, Diego Lugano aos 27min, Diego Tardelli aos 30min e Jádson aos 32min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Jean, Diego Lugano, Luís Fabiano e Kléber; Rogério Corrêa, Thiago e Alessandro • **Cartão vermelho:** Jean • **Juiz:** Jorge Fernando Rabello (RJ) • **Data:** 09/11/2003 • **Local:** Estádio Arena da Baixada, Curitiba (PR)

MÉDIA DE PÚBLICO

De todos os times de São Paulo, a melhor média de público foi a do Tricolor do Morumbi

- 1º - Cruzeiro 26.109
- 2º - Fortaleza 24.351
- 3º - Paysandu 15.332
- 4º - Internacional 14.937
- 5º - Goiás 13.104
- 6º - Bahia 13.004
- 7º - Atlético/MG 12.970
- 8º - SÃO PAULO 10.960**
- 9º - Grêmio 10.510
- 10º - Figueirense 10.418
- 13º - Corinthians 8.541
- 16º - Santos 7.735
- 18º - Ponte Preta 4.953
- 23º - Guarani 4.481
- 24º - São Caetano 2.367

CLASSIFICAÇÃO GERAL

- 1) Cruzeiro 100
- 2) Santos 87
- 3) SÃO PAULO 78**
- 4) São Caetano 74
- 5) Coritiba 73
- 6) Internacional 72
- 7) Atlético-MG 72
- 8) Flamengo 66
- 9) Goiás 65
- 10) Paraná 65
- 11) Figueirense 65
- 12) Atlético-PR 61
- 13) Guarani 61
- 14) Criciúma 60
- 15) Corinthians 59
- 16) Vitória 56
- 17) Vasco 54
- 18) Juventude 53
- 19) Fluminense 52
- 20) Grêmio 50
- 21) Ponte Preta 50
- 22) Paysandu 49
- 23) Fortaleza 49
- 24) Bahia 46



São Paulo 3 x 1 Vitória

SÃO PAULO Rogério Ceni; Gabriel, Diego Lugano, Edcarlos e Fabiano; Adriano, Carlos Alberto (Júlio Santos), Fábio Simplício e Souza (Fábio Santos); Gustavo Nery e Diego Tardelli (Rico) **Técnico:** Rojas

VITÓRIA Juninho; Marcelo Heleno; Marcos e Alex Silva; Gilmar (Samir), Dionísio, Thiago Matos (Alessandro), Vinícius e Almir; Alecsandro (Enílton) e Zé Roberto **Técnico:** Lori Sandri

Gols: Alecsandro aos 21min, Diego Tardelli aos 30min e Souza aos 41min do primeiro tempo; Fábio Simplício aos 39min do segundo tempo • **Cartão amarelo:** Diego Lugano; Zé Roberto e Marcos • **Juiz:** Alvaro Azeredo Quelhas • **Data:** 23/11/2003 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

Ponte Preta 1 x 2 São Paulo

PONTE PRETA Lauro; Gerson, Luís Carlos, Allan, Carlos Alexandre, Ângelo, Romeu, Adrianinho, Ronildo (Rafael), Lucas (Gigena) e Jean **Técnico:** Abel Braga

SÃO PAULO Rogério Ceni; Gabriel, Edcarlos, Diego Lugano, Fábio Santos, Adriano, Carlos Alberto, Fábio Simplício, Gustavo Nery, Souza (Júlio Santos) e Diego Tardelli (Fabiano) **Técnico:** Roberto Rojas

Gols: Luis Carlos aos 4min, Gabriel aos 13min e Souza aos 29min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Gerson; Gabriel • **Juiz:** Paulo César de Oliveira • **Data:** 30/11/2003 • **Local:** Estádio Moisés Lucarelli, Campinas (SP)

Internacional 1 x 1 São Paulo

INTERNACIONAL Clêmer; Bolívar, Vinícius, Fernando Cardozo e Edu Silva; Flávio (Sidimar), Elder Granja (Chiquinho), Claiton e Gavilán; Jeferson Feijão e Diego **Técnico:** Muricy Ramalho

SÃO PAULO Roger; Leonardo, Diego Lugano, Edcarlos e Fábio Santos; Adriano, Fábio Simplício, Souza e Gustavo Nery; Diego Tardelli (Fabiano) e Rico (Tiago) **Técnico:** Roberto Rojas

Gols: Diego Tardelli aos 15min do primeiro tempo; Sidimar aos 39min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Fernando Cardozo; Rico e Gustavo Nery • **Juiz:** Wagner Tardelli • **Data:** 07/12/2003 • **Local:** Estádio Beira-Rio, Porto Alegre (RS)

São Paulo 1 x 3 Flamengo

SÃO PAULO Rogério Ceni; Gabriel, Jean, Diego Lugano e Edcarlos (Fabiano); Adriano (Marcos Antonio), Fábio Simplício, Souza e Fábio Santos; Diego Tardelli e Luís Fabiano **Técnico:** Roberto Rojas

FLAMENGO Júlio César; Rafael, Henrique, Fabiano Eller e Anderson; Ibson, Luciano Baiano, Jônatas (Júnior), Felipe e Fernando Diniz (Bruno); Edílson **Técnico:** Waldemar Lemos

Gols: Diego Tardelli aos 12min, Rafael aos 43min do primeiro tempo; Edílson a 1min e aos 21min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Fábio Santos e Diego Lugano; Jônatas e Fabiano Eller • **Cartões vermelhos:** Edílson e Henrique; Jean, Fábio Simplício, Gabriel e Diego Tardelli • **Juiz:** Leonardo Gaciba da Silva • **Data:** 14/12/2003 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

OS PRINCIPAIS ARILHEIROS

- 31 gols** - Dimba (Goiás)
- 30 gols** - Renaldo (Paraná)
- 29 gols** - **LUÍS FABIANO (SÃO PAULO)**
- 23 gols** - Alex (Cruzeiro)
- 21 gols** - Aristizábal
- 20 gols** - Marcel (Coritiba)
- 16 gols** - Ilan (Atlético-PR)
- 15 gols** - Deivid e Mota (Cruzeiro); Wagner (Guarani); Marquinhos (Paraná) e Robson (Paysandu)
- 14 gols** - Fábio Jr. (Atlético-

MG) e Velber (Paysandu)
13 gols - Dejair (Criciúma); Edílson (Flamengo); Romário (Fluminense); Vinícius (Fortaleza) e Marcinho (São Caetano)

BOM DESEMPENHO

Os números do São Paulo foram bastante positivos no Brasileiro 2003. O time ficou na terceira colocação da tabela, teve o terceiro artilheiro do campeonato e, no Estado, foi o clube que mais levou torcedores ao estádio.

→ Uma das principais novidades do **PAULISTÃO** ficará por conta do uso de bandeiras eletrônicas em todas as partidas para auxiliar o árbitro

PAULISTA 2004

Paulista A1 - Fase 1

21/01 – 20h30

Palmeiras **X** Paulista
Oeste **X** Santos
São Caetano **X** Mogi Mirim
Ituano **X** União São João
Guarani **X** Marília
SÃO PAULO **X** Ponte Preta
Sorocaba **X** Corinthians
AA Portuguesa **X** Portuguesa
Rio Branco **X** União Barbarense
América **X** Juventus

25/01 – 16h

Santos **X** São Caetano
Marília **X** Palmeiras
Santo André **X** Oeste
Paulista **X** Ituano
Mogi Mirim **X** Guarani
Corinthians **X** Rio Branco
Ponte Preta **X** AA Portuguesa
Portuguesa **X** **SÃO PAULO**
União Barbarense **X** América
Juventus **X** Sorocaba

28/01 – 20h30

Santos **X** Mogi mirim
São Caetano **X** Santo André
Ituano **X** Palmeiras
Guarani **X** Paulista
União São João **X** Marília

01/02 – 16h

Palmeiras **X** Santos
Santo André **X** União São João
Paulista **X** Oeste
Guarani **X** São Caetano
Mogi Mirim **X** Ituano
AA Portuguesa **X** **SÃO PAULO**
Portuguesa **X** Sorocaba
União Barbarense **X** Corinthians
América **X** Rio Branco
Juventus **X** Ponte Preta

08/02 – 16h

Palmeiras **X** Guarani
Oeste **X** São Caetano
Marília **X** Paulista
Santo André **X** Santos
União São João **X** Mogi Mirim
Corinthians **X** Portuguesa
América **X** **SÃO PAULO**
Sorocaba **X** AA Portuguesa
Ponte Preta **X** União Barbarense
Rio Branco **X** Juventus

15/02 – 16h

Santos **X** União São João
São Caetano **X** Marília
Ituano **X** Guarani
Paulista **X** Santo André
Mogi Mirim **X** Oeste
SÃO PAULO **X** Corinthians
Sorocaba **X** Rio Branco
AA Portuguesa **X** América
Portuguesa **X** Ponte Preta
Juventus **X** União Barbarense

21/02 – 16h

Santos **X** Marília
Oeste **X** Ituano
São Caetano **X** Palmeiras
Mogi Mirim **X** Santo André
União São João **X** Paulista
Corinthians **X** Juventus
SÃO PAULO **X** Sorocaba
AA Portuguesa **X** Rio Branco
União Barbarense **X** Portuguesa
América **X** Ponte Preta

25/02 – 20h30

Oeste **X** Guarani
Marília **X** Mogi Mirim
Santo André **X** Ituano
Paulista **X** Santos
União São João **X** Palmeiras

29/02 – 16h

Palmeiras **X** Oeste
Marília **X** Santo André
Ituano **X** São Caetano
Paulista **X** Mogi Mirim
Guarani **X** União São João
Sorocaba **X** América
Ponte Preta **X** Corinthians
Portuguesa **X** Juventus
Rio Branco **X** **SÃO PAULO**
União Barbarense **X** AA Portuguesa

07/03 – 16h

Palmeiras **X** Santo André
Oeste **X** União São João
São Caetano **X** Paulista
Ituano **X** Marília
Guarani **X** Santos
SÃO PAULO **X** União Barbarense
Sorocaba **X** Ponte Preta
AA Portuguesa **X** Juventus
Rio Branco **X** Portuguesa
América **X** Corinthians

14/03 – 16h

Santos **X** Ituano
Marília **X** Oeste
Santo André **X** Guarani
Mogi Mirim **X** Palmeiras
União São João **X** São Caetano
Corinthians **X** AA Portuguesa
Ponte Preta **X** Rio Branco
Portuguesa **X** América
União Barbarense **X** Sorocaba
Juventus **X** **SÃO PAULO**



➔ No Paulista de 2003, **LUÍS FABIANO** foi o artilheiro, com oito gols; em segundo ficou Rico, com sete, que, na época, estava na Portuguesa santista

REGULAMENTO

SÉRIE A1

A competição será dividida em quatro fases, em que jogarão o mínimo de nove ou dez partidas e o máximo de 15. Foi utilizado o critério de sorteio para dividir as equipes em dois grupos, com dez e onze participantes.

OS GRUPOS

GRUPO 1

Juventus (São Paulo)
Sorocaba (Sorocaba)
Portuguesa santista (Santos)
América (São José do Rio Preto)
Rio Branco Esporte (Americana)
União Barbarense (Sta. Bárbara d'Oeste)
Portuguesa (São Paulo)
Ponte Preta (Campinas)
SÃO PAULO (São Paulo)
Corinthians (São Paulo)

GRUPO 2

União São João (Araras)
Oeste (Itápolis)
Santo André (Santo André)
Marília (Marília)
Ituano (Itu)
Paulista (Jundiaí)
Mogi Mirim (Mogi Mirim)
São Caetano (S. Caetano do Sul)
Guarani F. C. (Campinas)
Palmeiras (São Paulo)
Santos (Santos)



PRIMEIRA FASE

Na primeira fase, as associações, dentro de seus respectivos grupos, jogarão entre si em um único turno. Classificar-se para a próxima etapa as quatro agremiações, de cada grupo, que obtiverem o maior número de pontos ganhos.

1º - No caso de dois ou mais clubes terminarem empatados com os mesmos números de pontos ganhos, será aplicado, sucessivamente, os seguintes critérios de desempate:

- Maior número de vitórias;
- Melhor saldo de gols;
- Maior número de gols marcados;
- Vantagem no confronto direto (somente no caso de empate entre duas equipes);
- Sorteio público na sede da Federação Paulista de Futebol.

No final da primeira fase, a associação que tiver o menor número de pontos ganhos, em cada grupo, será rebaixada à Série A2 do Campeonato Paulista de Futebol.

SEGUNDA FASE

Na segunda fase, as oito agremiações classificadas serão divididas em quatro grupos, com dois clubes em cada um deles, que jogarão entre si em uma única partida. Os vencedores de cada grupo estarão classificados para a fase seguinte da competição.

GRUPO 3

1º Colocado do grupo um
4º Colocado do grupo dois

GRUPO 4

1º Colocado do grupo dois
4º Colocado do grupo um

GRUPO 5

2º Colocado do grupo um
3º Colocado do grupo dois

GRUPO 6

2º Colocado do grupo dois
3º Colocado do grupo um

1º - Caso a partida, no seu tempo regulamentar, termine empatada, será realizada uma prorrogação de 30 minutos, com dois tempos de 15 sem intervalo;

2º - Caso persista o empate, a partida será decidida na cobrança de pênaltis, conforme procedimento estabelecido nas regras de jogo.

3º - O mando de jogo, nesta fase, será das associações que terminaram em primeiro e segundo lugares na primeira fase.

TERCEIRA FASE

Art. 6º - Na terceira fase do campeonato, as quatro associações classificadas na etapa anterior serão divididas em dois grupos. As agremiações jogarão entre si, nos seus respectivos grupos, em turno e retorno, classificando para a final as duas que somarem o maior número de pontos ganhos nesta fase.

GRUPO 7

1º colocado do grupo três
1º colocado do grupo quatro

GRUPO 8

1ª Colocado do grupo cinco
1º Colocado do grupo seis

1º - Caso haja empate em números de pontos ganhos entre as associações, classifica-se a que obtiver o melhor saldo de gols nas partidas disputadas nesta fase;

2º - Persistindo o empate entre as duas associações, será realizada cobrança de pênaltis, executada conforme procedimento estabelecido nas regras do jogo.

3º - O mando de jogo desta fase será sorteado na sede da Federação Paulista de Futebol.

QUARTA FASE

Na quarta fase, os vencedores dos grupos sete e oito disputarão o título em dois jogos, sagrando-se campeão paulista da Série A1 de 2004 quem fizer o maior número de pontos ganhos nos dois jogos.

1º - Caso haja igualdade no número de pontos ganhos, a associação campeã será aquela que tiver o melhor saldo de gols nesta fase;

2º - Persistindo o empate entre as duas associações, será realizada cobrança de pênaltis, executada conforme procedimento estabelecido nas regras do jogo.

3º - O mando das duas partidas finais da quarta fase pertence à Federação Paulista de Futebol.



Seu passatempo favorito na concentração é o videogame

Lição de vida

Após ficar quase cinco meses afastado dos gramados, Souza voltou no final da temporada 2003. E garante que está pronto para detonar

Por Carlos Mesquita

Seu nome é Willamis Souza da Silva. Mas pode chamá-lo de Souza. Após a saída de Kaká para o Milan e a contusão de Ricardinho, o meia são-paulino ficou com a incumbência de criar as jogadas ofensivas da equipe.

Souza foi contratado no primeiro semestre de 2003. Saiu da Portuguesa santista - como Adriano e Rico, que já pertenciam ao São Paulo -, agremiação em que conseguiu

mostrar que entende do assunto. No Tricolor, sofreu uma séria lesão no primeiro jogo que disputou pelo Brasileiro de 2003. Diante do Paraná Clube em 17 de maio, teve uma torção no joelho esquerdo depois de o jogador Marquinhos girar em cima de sua perna. "Tive rompimento do ligamento cruzado. Foi a primeira lesão grave da minha carreira. Fiquei assustado, mas a força que o pessoal do São Paulo me deu foi fora de série," recorda-se.

"Queria me desculpar com a torcida são-paulina pelo pênalti que perdi contra o River Plate"

A princípio, o problema o afastaria dos campos pelo resto da temporada 2003. A previsão do departamento médico era de que ele levaria, ao menos, seis meses para recuperar-se.

No início, Marco Aurélio Cunha, superintendente de futebol do clube, cogitou a possibilidade de submetê-lo ao tratamento convencional. Na época, o meia declarou que estava triste, mas que ainda tinha esperança de escapar da cirurgia. "Fui pego de surpresa, mas acho que não vou precisar de operação."

Não houve, entretanto, outra alternativa. Souza teve de ser operado. "Quando soube que faria uma cirurgia e ficaria de sete a oito meses sem jogar, liguei para minha mãe a fim de avisar. Ela disse que eu deveria ter fé em Deus para que pudesse voltar mais rapidamente."

Durante o período em que ficou no estaleiro, o atleta fez exercícios na piscina, musculação e borrachinha.

Depois passou a correr no CT. Surpreendendo a todos, recuperou-se antes da data prevista. Mas o momento mais especial de todo o episódio foi quando voltou a ter contato com "ela". "Quando bati numa bola pela primeira vez, me emocionei bastante. Foram cinco meses de sofrimento", disse Souza, que completou: "No dia, fui surpreendido pelo Sérgio (*Rocha, preparador físico*), que me disse que iria treinar com bola. Fiquei muito feliz. Esperava isso havia tempos", declarou.

OBSTÁCULOS

Mas, para conquistar um lugar ao sol, Souza suou, e muito, a camisa. Nasceu em Maceió, Alagoas, e viveu parte da infância com sua avó. Começou a trabalhar cedo por causa de suas condições financeiras. Também ajudava em algumas atividades domésticas. "Minha avó teve cinco filhos. Eu era o sexto." Vivia sem mordomias e a alimentação era garantida por seu avô.

Souza

Estilos musicais:
todos,
menos rock
pauleira

Mas, depois de um acidente com um de seus tios, a família passou por uma turbulência. "Voltei a morar com minha mãe numa casa muito pequena. Todo o sofrimento retornou. Tomava suco de pacote sem açúcar e comia bolacha. Cheguei a passar fome."

O craque tricolor morou em favela e teve de driblar algumas adversidades da vida para continuar na busca de seus objetivos. "Muitas pessoas me ofereceram drogas. Mas tive cabeça para nunca entrar nisso. Nunca usei nada", orgulha-se Souza, que viu diversos colegas enveredarem para esse rumo e lá se perderem por completo.

O futebol surgiu em sua vida como a primeira e mais arrebatadora paixão. Com quatro anos, interessou-se pelo assunto em virtude de influências muito próximas. Seu pai era considerado um dos melhores volantes da cidade, mas nunca jogou em time profissional. Seu Dogival participava de peladas na região. Os tios de Souza também gostavam do esporte. Quando havia jogo, o garoto era levado. Aos dez anos, já era escalado para bater bola entre os adultos. "Tomava tanta porrada que chegava a voar."

TRAJETÓRIA

Parceiros e familiares, após o verem tratar a bola com tanto carinho, começaram a incentivá-lo. O garoto, de fato, tinha talento. Souza terminou iniciando em um time de sua cidade. Seu primeiro contato com o ambiente profissional deu-se no CSA.

Permaneceu no clube entre 98 e 99. Chegou a ir para os treinos a pé. Quando a situação melhorou, conseguia pegar ônibus ou ir de bicicleta. Na sequência, defendeu o Botafogo-RJ. E por lá teve uma passagem conturbada. Ficou oito meses sem receber salários, mas nada era capaz de desanimar aquele atleta determinado a vencer.

Até vestir a camisa do Tricolor paulista, Souza percorreria um longo trajeto. Passou pelo Libertad, do Paraguai; Guarani, retornou ao CSA e jogou na Portuguesa santista. Quando atuou pela equipe paraguaia, curiosamente teve como melhor amigo um argentino. "Mas ele sempre queria andar mais cheiroso do que eu, com roupa melhor. Mania de grandeza (risos)."

Por falar em argentino, Souza disse que o pênalti que perdeu contra o

River Plate, na segunda partida das quartas-de-final do torneio Sul-Americano, que ocorreu em 4 de dezembro – nessa ocasião, o time precisava ganhar por três gols de diferença, porque havia sido derrotado no primeiro encontro por 3 a 1; apesar de todo jogado com muita raça, venceu apenas por 2 a 0, o que levou as equipes às penalidades –, foi o primeiro que desperdiçou em toda a sua carreira. "Queria me desculpar com a torcida são-paulina pelo pênalti que perdi."

PARA REFRESCAR A CUCA

Recuperado, batendo um bolão e pronto para ajudar o Tricolor na temporada 2004, Souza, quando não está vestindo a camisa vermelha, branca e preta, gosta de passear com a esposa pelos shoppings da capital. Mas curte muito o filho de 11 meses. No quesito música, jura não ter preferência. Mas, definitivamente, não é fã de um gênero. "Gosto de todos os tipos. Só não curto rock pauleira. Meu negócio é escutar um som mais tranqüilo", garante.

Além disso, outra coisa que faz sua cabeça é jogar futevôlei na praia. Quando rola aquela folguinha, vai para Santos divertir-se com os amigos. E, na concentração, seu passatempo favorito é o videogame. "Gosto daquele de polícia e ladrão."

BATE-BOLA COM O MEIA

Como é jogar ao lado de atletas no meio-de-campo que têm características mais de marcação do que de criação?

Por um lado, é bom. Me sinto mais à vontade. Se erro um lançamento, tenho três marcadores para correr atrás da bola e tentar recuperá-la. Por outro aspecto, é ruim. A maioria dos volantes não possui a qualidade que o Simplício tem no passe, por exemplo. Sei que vai ser difícil a bola chegar redondinha. Isso dificulta um pouco. Com um meia, não. Existe com quem jogar ao lado, além de ter o atacante à frente. Atuar com dois meias dá mais qualidade.

Sem o Ricardinho, você se torna a principal referência do meio-de-campo são-paulino. Já está sentindo o peso dessa condição ou ainda não deu tempo?

Quando cheguei ao São Paulo, sabia que seria um desafio muito grande para mim, porque, jogar num meio-de-campo que tinha Kaká e Ricardinho, era um difícil. Mas, graças a Deus, consegui fazer isso. Daí para a frente fui treinando. Não sabia que o Ricardinho iria se machucar e fazer uma cirurgia também. Mas me preparei para que, na hora em que precisassem de mim, pudesse corresponder e mostrar ao torcedor meu valor.

Qual foi o pior momento de 2003, o pênalti desperdiçado ou a contusão?

O pênalti não foi só o pior momento do ano como também o de toda a minha carreira. Foi muito pior do que a contusão, que terminou me ensinando muito e me fez aprender a dar valor a outras coisas.

SOUZA

Willamis **SOUZA** da Silva
Nascimento: 04/02/1979
Local: Maceió (AL)
Posição: meia-armador
Altura: 1,76m
Peso: 77 quilos

Só alegria: marcou o gol, na partida contra a Ponte Preta, que garantiu o Tricolor na Libertadores 2004

Um dia para marcar a história



Dino Sani

Por Sergio Luci

Quem não se lembra de Valdir Perez, Pedro Rocha, Roberto Dias e Serginho Chulapa? Ídolos que ajudaram a erguer o nome do São Paulo Futebol Clube. Como seria bom se todos ainda pudessem vestir o manto vermelho, branco e preto. Que saudade do esquadrão da década de 70, do belo time dos anos 80 e da ótima equipe do bimundial, dirigida por ninguém menos que Telê Santana. No último dia 6 de dez

embro, foi possível encontrar muitos craques que fizeram história no clube juntos. O São Paulo realizou o segundo encontro de ex-jogadores e técnicos do time no CCT (Concentração e Centro de Treinamento) da Barra Funda, unindo mais de 200 ex-profissionais. Até São Pedro colaborou, pois o sábado foi maravilhoso. O sol iluminou toda a constelação de atletas ali presente.

O presidente Marcelo Portugal Gouvêa, Laudo Natel, ex-governador do Estado, ex-presidente são-paulino e patrono do clube; e José Maria Marin, ex-jogador tricolor e também ex-governador, abriram a festa discursando para os convidados. À medida que os craques chegavam, a emoção tomava conta do ambiente. Todos se abraçavam. E davam início a uma série de lembranças da época em que jogavam. "É uma grande emoção encontrar tanta gente que viveu

conosco inúmeras jornadas," declarou Natel. Os homenageados estavam acompanhados de suas esposas e filhos, que transformaram o gramado do CCT num gigante playground. Enquanto alguns garotos corriam alegremente, outros preferiam ir mais longe: erguiam pelo céu da cidade o símbolo do time, já que a diretoria distribuiu pipas para a molecada.

OBJETIVO CONQUISTADO

O desejo da diretoria de unir personagens que construíram a história do São Paulo foi alcançado. Cra-

ques de todas as épocas marcaram presença. Para os organizadores, o evento foi um sucesso. "A festa foi maravilhosa. No momento em que a bandeira foi hasteada e a banda começou a tocar o hino do clube, fiquei arrepiado", disse Afonso Covello. "O São Paulo sempre amparou seus ex-atletas.

O evento foi emocionante demais. A segunda edição foi melhor do que a primeira. E, ano que vem, será melhor ainda", emendou José Acras. "Aqui, existem amigos que não se vêem há mais de 40 anos. A emoção no olhar de cada um é a nossa gratificação", arrematou Ayrton Fernandes Alves, idealizador e coordenador do projeto. O jogador mais antigo na confraternização foi Zé Chaves, ex-ponta-direita da equipe na década de 30, hoje com 84 anos. Apesar



Chico

Num clima familiar, a diretoria do São Paulo promoveu festa para homenagear seus ex-profissionais. Serginho Chulapa, Valdir Perez, Dino Sani, Valdir Joaquim de Moraes e Roberto Dias, entre muitos outros, estiveram presentes



Todos os participantes do segundo encontro: aprovação total à iniciativa



Azambuja
(à esq.) e Bauer

da idade, fez questão de comparecer à festa. Azambuja (da década de 40); Alfredo Ramos e Dino Sani (dos anos 50); Dias (da equipe de 60); Serginho Chulapa, Valdir Perez e Chicão (dos anos 70); Zé Sergio e Oscar (da década de 80) e até os mais atuais – como o polivalente Válber, o guerreiro Dinho e o lateral-direito Vítor (90) – estiveram presentes.

Entre os ex-técnicos são-paulinos, Cilinho (*atual coordenador das categorias de base do clube*) e Rubens Minelli também pres-tigiaram, além de Mário Travaglini, que já até comandou as categorias de base da seleção brasileira. "A iniciativa é muito saudável e bonita. Quem faz a história do clube

é o atleta. Agradeço demais o reconhecimento da diretoria", afirmou Travaglini. O médio-volante Dino Sani – que defendeu as cores do clube durante sete anos, conquistando o Campeonato Paulista de 57, além de ter participado da conquista da seleção brasileira, em 1958 – estava muito emocionado. "Esse é o dia mais feliz das nossas vidas. Pelo menos uma vez por ano, conseguimos nos reencontrar para bater papo e falar dos tempos antigos."

Rubens Minelli

é o atleta. Agradeço demais o reconhecimento da diretoria", afirmou Travaglini. O médio-volante Dino Sani – que defendeu as cores do clube durante sete anos, conquistando o Campeonato Paulista de 57, além de ter participado da conquista da seleção brasileira, em 1958 – estava muito emocionado. "Esse é o dia mais feliz das nossas vidas. Pelo menos uma vez por ano, conseguimos nos reencontrar para bater papo e falar dos tempos antigos."

A VELHA GUARDA

Uma figura marcante no evento, com seu 1,90 metro e um "hobby" temido pelas torcidas adversárias,

fazer gols, foi Serginho Chulapa, o maior artilheiro da história do São Paulo, com 242 bolas na rede. "O São Paulo está de parabéns. Pelo segundo ano se-

guido, consigo rever meus amigos. A diretoria sempre deixou as portas abertas para todo mundo. Em nove anos defendendo essas cores, conquistei inúmeros títulos. Foi o time que me projetou para o mundo. Só tenho a agradecer." Roberto Dias, considerado por Pelé seu melhor marcador, demonstrou grande alegria em rever os amigos. Disse estar satisfeito com tudo que fez pelo clube. "Tudo que passei no São Paulo foi maravilhoso. O que vale mesmo é estar aqui com meus amigos e todos com muita saúde. Graças a Deus."

Carbone derretia-se em elogios para o ex-companheiro. "Ele era um craque. Quando entrei no time, foi deslocado para a quarta-zaga. Foi uma experiência incrível jogar com uma pessoa que sempre admirei." Sobre a festa, os dois fizeram questão de enaltecer a iniciativa. "É um evento maravilhoso. Estou encontrando pessoas que não vejo há mais de 30 anos. Os que continuam como técnico ou os bem-sucedidos, sempre vemos.

Mas os que não trabalham mais com o futebol só é possível encontrar aqui", declarou Carbone.

Outra ilustre presença era a de Valdir Perez. O goleiro da década de 70 foi o jogador que mais vestiu a camisa do clube, com 597 partidas. "Jo-

guei dez anos e 11 meses e praticamente fui titular durante todo esse tempo. O reconhecimento da diretoria é muito gratificante." O volante Chicão, que passou oito anos na equipe e conquistou o primeiro Campeonato Brasileiro da história do clube, em 1977, era um dos mais felizes do evento. "O São Paulo não se esquece de seus funcionários e jogadores. A diretoria está dando um exemplo às outras equipes e está de parabéns."

SAMBA, CHURRASCO, CERVEJA E EMOÇÃO

A festa invadiu a tarde ao som do grupo Força da Imaginação. Duas bailarinas sambavam no palco. Com esse clima harmonioso, os jogadores acomodavam-se em grupos de cinco ou seis pelas mesas distribuídas no espaço. E não se cansavam de relembrar as diversas aventuras e os inúmeros títulos conquistados. No começo da tarde, foram sorteados um televisor da LG (Norival Favero foi o felizardo) e uma viagem (doada pela agência de turismo CVC) de uma semana, com direito a

acompanhante, para as Serras Gaúchas – o ex-jogador Naim foi o sortudo. Logo depois, dois imensos bolos foram cortados e o que se ouvia pelos arredores do CCT era o hino do São Paulo Futebol Clube, cantado por todos os atletas que ainda permaneciam na festa. Em volta dos bolos, encontravam-se alguns jogadores que não se cansavam de elogiar o evento. Entre eles, Azambuja, Picasso, Raul, Fernando Satiro, Deleu, Suly, Cido, Walter Zumzum, Vilásio, Feitico, Viana, Paraná, Jaiminho, Piau, Silas, Marcão, Elvio, Flávio, Lima, Araken, Vilson, Ari, Ribas, Serginho, Roberto Dias, Renato, Kalunga e Vaguinho.

Foi nesse clima amigável e nostálgico que seguiu a confraternização dos craques são-paulinos. Um encontro pelo qual todos os jogadores parabenizaram a diretoria tricolor. Além disso, fizeram questão de dizer que esperam ser convidados para o próximo encontro.



Valdir Perez



Silas



Marcelo Portugal Gouvêa, Peixinho, Laudo Natel e Ari
(da dir. para a esq.)

FOTOS RUBENS CHIRI

“JOGUEI DEZ ANOS E 11 MESES E, PRATICAMENTE, FUI TITULAR DURANTE TODO ESSE TEMPO. O RECONHECIMENTO DA DIRETORIA É MUITO GRATIFICANTE”

Valdir Perez, ex-goleiro



Valdir Joaquim de Moraes



Telê Santana recebe, ao lado da esposa, Ivonete, o título de cidadão paulistano.

Com respeito, carinho e emoção

Numa iniciativa do vereador Gilberto Natalini, com total apoio do São Paulo Futebol Clube, Telê Santana recebeu, em 5 de dezembro, o título de cidadão paulistano, outorgado pela Câmara Municipal da cidade de São Paulo.

O evento foi realizado no auditório do conselho deliberativo do São Paulo e marcou a volta do ex-técnico ao Morumbi sete anos após ter comandado o Tricolor na maior sucessão de títulos da história do clube.

Acompanhado de sua esposa, dona Ivonete, seu filho, Renê, e

dois netos, ele foi recebido pelo presidente Marcelo Portugal Gouvêa. Ao chegar, o ex-treinador bicampeão mundial inaugurou um painel em homenagem a todos os técnicos campeões pelo Tricolor na entrada do Memorial.

A solenidade contou com a presença de membros da diretoria na época do bi, como Fernando Casal de Rey, Marcio Aranha e Kalef João Francisco (atualmente diretor-adjunto de relações esportivas do clube), que foi um dos responsáveis pela homenagem a Telê. O ex-vice-presidente Constantino Cury, já falecido, e que ajudou a

galeria



Telê sendo homenageado no Memorial (à esq.), após o bimundial (acima) e durante treinamento no CT



trazer o mestre ao São Paulo no início dos anos 90, também foi lembrado.

Entre os velhos e bons amigos do ex-treinador que prestigiaram o evento, estava Valdir Joaquim de Moraes, seu auxiliar-técnico na conquista dos Interclubes. "É uma homenagem justíssima pelos exemplos que sempre deu a nós, torcedores e atletas. É um homem com uma conduta irrepreensível que deve servir de modelo", disse Moraes.

Segundo o jornalista José Maria de Aquino, o São Paulo deu outro exemplo no que diz respeito a preservar sua história. "Para quem gosta de esporte e do São Paulo, poucos se igualam a Telê. Ele contribuiu para que toda uma geração de pessoas, que, na época, tinham entre 8 e 13 anos, se tornasse são-paulina. Todos aqueles títulos conquistados sob sua direção estão rendendo frutos até hoje." Dos muitos momentos de emoção, os que mais marcaram foram a execução do hino tricolor, com uma entusiasmada participação do próprio homenageado, e o depoimento gravado do ex-volante Pintado, que acabou chorando ao falar do mestre.

Telê recebeu das mãos de Marcelo Portugal Gouvêa uma placa comemorativa. E de Roberto Rojas uma camisa autografada por todos os jogadores e pela comissão técnica. "Tive o privilégio de trabalhar por dois anos com ele. Faltam adjetivos para qualificá-lo. Faz parte da história não só do São Paulo como do futebol mundial", declarou Rojas. "É importante que as futuras gerações de são-paulinos conheçam o que Telê realizou como técnico e como pessoa", completou.

Marcelo Portugal Gouvêa sentiu-se lisonjeado pelo fato de a homenagem ter sido realizada no Estádio do Morumbi. "É muito raro a Câmara Municipal fazer a entrega desse prêmio fora de seu plenário. A cerimônia ter sido realizada aqui muito nos honrou. Me sinto um privilegiado por ser o presidente do São Paulo na data de hoje e poder ter participado desse evento."

O vereador Gilberto Natalini não escondeu a empolgação ao entregar o título ao ex-técnico. "Ele é mais que um cidadão do esporte. É um vitorioso como pai de família, ser humano e como mestre do futebol. Por tudo que representa, a cidade de São Paulo lhe devia isso."

No encerramento, houve uma participação do cantor Francisco Petronio, que interpretou algumas das canções prediletas de Telê. "Essa homenagem é muito mais do que eu esperava. Não posso nunca esquecer esse clube", declarou, visivelmente emocionado, o eterno mestre das maiores conquistas tricolores.



O discípulo e o mestre: Rojas e Telê se encontram novamente



Presidente entrega placa ao ex-treinador são-paulino

Na voz de Paulo Planet

O São Paulo F.C. em constante renovação

A vida se explica precisamente por meio da renovação constante que se opera. Morremos, outros nascem e, como se diz, a vida continua... Assim também é no processo futebolístico. Verdade que, no ambiente do futebol, essa renovação, às vezes, se opera de uma forma mais acentuada ou menos, na razão direta das chamadas conquistas.

Podemos dizer, sem receio de errar, que a torcida do Santos nasceu, de forma mais eloquente, quando do surgimento desse incomparável Pelé! Alguns clubes têm seu público na razão direta das colônias, como seria o caso da Portuguesa de Desportos. Caso do Vasco da Gama, no Rio de Janeiro. E o Flamengo tem a torcida que tem porque, àquele tempo, o rádio se resumia à Rádio Nacional, do Rio de Janeiro, não havia televisão, e seus locutores e comentaristas eram todos torcedores do Flamengo. Em se tratando do São Paulo, do nosso São Paulo, contudo, considerando-se, embora, que ao ensejo dos dois títulos mundiais, sul-americanos, paulistas etc., da era Telê, nós nos multiplicamos, fomos, pode-se afirmar, um fenômeno diferente.

Porque o São Paulo, mesmo quando era quase nada em termos de patrimônio, já possuía entusiástica torcida. Que nunca parou de crescer e que se situa, hoje, segundo todas as pesquisas como a segunda ou terceira do País! Torcida que se renova, que se multiplica, mesmo na adversidade, como, justiça se faça, aconteceu com o Corinthians, quando ficou dez anos sem o sabor de um único título. Ou como sucedeu, agora, com o Palmeiras, exatamente quando na segunda divisão!

Os são-paulinos se multiplicam de gerações para gerações! Haja o que houver, esteja bem ou esteja mal o seu time de futebol, o seu público nunca parou de crescer. Por se tratar de algo mais, muito especial, que emana do coração, da alma, dos mais nobres sentimentos de amor. Incomparável amor pela camisa das três cores, que vai passando de pai para filho, de avô para os netos, como é o caso meu, para orgulho imenso, como posso prová-lo com a fotografia anexa. São residentes no Rio Grande do Sul, nasceram lá, mas são, acima de tudo, muito bons são-paulinos, o Murilo e o Pedro, como o é, por aqui, o Artur, bem mais velho, mas não menos torcedor. Como o é o pai. O Paulo Roberto. Além do avô!



Murilo e Pedro: genética tricolor



Paulo Planet Buarque é membro vitalício do Conselho Deliberativo do São Paulo Futebol Clube, do qual foi presidente duas vezes.

Goleiro-artilheiro entra para a história



Reconhecimento: contra o Flamengo, em 14 de dezembro, o goleiro recebeu um troféu e uma pequena réplica do Estádio do Morumbi

Ao completar 502 jogos, em 14 de dezembro, contra o Flamengo, Rogério Ceni entrou para a história do São Paulo Futebol Clube como o quarto jogador que mais vestiu a camisa tricolor.

Há quase 14 anos no Morumbi, o goleiro alcançou o posto de líder da equipe e também é apontado pelos próprios torcedores como símbolo de raça e determinação. "É uma situação especial para mim. Estou aqui desde 1990. Chegar a uma equipe profissional como o São Paulo e poder jogar tantas vezes me deixa muito orgulhoso."

Segundo ele, o segredo para o sucesso está em sua dedicação

e seriedade. "Independente de ser o primeiro jogo, o último ou a decisão, dou meu máximo. Sempre fui um cara sério dentro de campo."

Rogério se considera um privilegiado por ter trabalhado com duas personalidades do mundo do futebol. "Aprendi muito com Telê entre 92 e 95. Ele sempre primou pela disciplina e tem uma grande participação na minha formação como pessoa e homem. Com o Valdir Joaquim de Moraes, trabalhei entre 91 e 93. Foi um profissional que me fez evoluir 300, 500% tecnicamente".

O jogador citou a Conmebol de 1994 como um dos principais

acontecimentos de sua carreira. Para ele, aquela conquista foi muito mais que um título. "Ela deu sustentação para que, um dia, alguém dissesse: 'Ah, acho que esse menino pode ser goleiro titular do São Paulo.'"

Assim como na vida, porém, o esporte reserva momentos de tristeza. A derrota na Copa do Brasil em 2000 para o Cruzeiro ainda não foi esquecida. "Naquele ano, tivemos de adiar nossa volta à Libertadores. Estávamos com a mão na taça. Mas bobeamos e levamos um gol. Profissionalmente falando, foi o momento mais chato de minha vida."

Mas, no mesmo ano, Rogério

recebeu um presente: o título de campeão paulista, ganho em cima do Santos - a partida terminou em dois a dois, mas o empate favorecia o time da capital. "Foi um jogo consagrador, que ficou na memória de todo são-paulino. Ainda mais porque fiz um gol de falta. Essa vitória teve um sabor especial."

Entre as mais de 500 partidas disputadas, poucas foram tão marcantes quanto a semifinal da Copa Sul-Americana, no Morumbi, contra o River Plate em novembro passado. Nela, o goleirão mostrou toda a sua raça. "Foi a melhor apresentação de nosso time na temporada passada. Conseguimos reverter

iro istória



Dois em um:
diante da Ponte Preta,
Rogério completou
500 partidas e o time
se classificou para
a Libertadores



OS SEIS QUE MAIS VESTIRAM A CAMISA TRICOLOR

- 1) Valdir Perez (597)
- 2) José Poy (565)
- 3) Teixeira (533)
- 4) Rogério Ceni (502)
- 5) De Sordi (501)
- 6) Terto (499)

um placar que, para muitos, era impossível."

Nesse jogo, Rogério contundiu-se no início do segundo tempo. Mas, bravamente, continuou em campo. "Aquele é um momento em que você precisa lembrar-se de tudo que fez para chegar até ali. Nunca senti tanta dor como nesse lance. Mas a vontade de vencer superou a dor. Pena que perdemos a vaga para a final." Após tantos anos defendendo o clube, o atleta adquiriu ensinamentos preciosos. "Aqui, aprendi a dar valor à vida, à minha profissão. Nunca devemos desistir. Todos os dias temos de estar querendo vencer", conclui.

EPÓPEIA DO MORUMBI

"Quanto lhe deve o São Paulo, Laudo..."

Capítulo IV - Parte 1
Por Agnelo Di Lorenzo

Excelentíssimo Senhor Presidente do Egrégio Conselho Deliberativo do São Paulo Futebol Clube.
Excelentíssimos Senhores componentes da mesa deste Egrégio Conselho.

Excelentíssimo Senhor Presidente da Diretoria, nobres Diretores, caros amigos e companheiros de Conselho.

Meu caro amigo Laudo Natel, Governador de São Paulo, Presidente do São Paulo, companheiro de tantas lutas...

Dispense, Laudo, o tratamento de excelência, porque queremos falar ao amigo.

Dispense as formalidades, a etiqueta, porque queremos falar ao companheiro.

Nós o conhecemos como homem simples, avesso ao formalismo e às mesuras, e é a esse homem simples que vamos falar neste momento.

Nunca, em sua história, o Egrégio Conselho Deliberativo do São Paulo Futebol Clube se reuniu, como nesta oportunidade, e com o objetivo que congrega aqui, nesta noite, todos estes seus amigos. Queremos, Laudo, que esta noite se torne histórica, porque há de traduzir a imensa gratidão de toda a coletividade são-paulina àquele que foi, estamos certos, seu maior líder, seu grande guia e o construtor do seu futuro.

Do que nasceu o São Paulo, Laudo?

Em que solo foi plantada a sua semente?

Que mãos a regaram e dela cuidaram por tantos anos, até que se tornasse a árvore gigante de hoje?

Eu diria, Laudo, que o São Paulo nasceu do amor, dessa paixão inexplicável que o esporte desperta em cada um de nós, sem distinção de raça, credo ou posição social.

Ao amor são-paulino, à paixão são-paulina, devemos acrescentar, também, a retidão do caráter são-paulino, a não permitir que o excesso de paixão, tão comum e compreensível, sufocasse ainda no solo a semente dos nossos ideais.

Como cresceu o São Paulo, Laudo?

Aqui eu responderia às gerações futuras aqueles que nossos herdeiros, no amor por este clube, talvez não tenham olhos para o passado, para as agruras, para as lutas às vezes quase desesperançadas, dos iniciadores de sua história.

Eles talvez não venham, a saber, onde, quando e como surgiu e se alicerçou essa nunca negada grandeza moral do São Paulo. Mas nós, Laudo, sabemos que é a soma do amor e da grandeza moral dos fundadores deste clube, porque um clube é o que são os seus homens, nunca apenas as cores simbólicas da sua bandeira ou o tamanho e valor do seu patrimônio.

Os que virão, Laudo, haverão de saber ler, contudo, o seu nome em cada lance de cimento armado do nosso estádio, em cada viga que sustenta o nosso conjunto social e por que não dizer também em cada cor da nossa gloriosa bandeira.

Discurso proferido por Manuel Raimundo Paes de Almeida em 10/04/72



Delegação
são-paulina
recebe o troféu
Marketing Best 2003

Festa tricolor

No Brasil, o futebol é visto como desorganizado e mal dirigido. Contrariando as estatísticas, porém, o São Paulo deu um banho de profissionalismo. Pela primeira vez, um clube conquistou o prêmio Marketing Best. O evento, apresentado pelo jornalista Chico Pinheiro, foi realizado em 5 de dezembro na casa de espetáculos Via Funchal, em São Paulo.

A premiação, que ocorre desde 1988, tem a Editora Referência, a Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas e o Mídia Mundo Marketing como seus principais realizadores.

O Tricolor levou o prêmio pelo case "Sócio-Torcedor". Subiram ao palco para receber o troféu Marcelo Portugal Gouvêa, presidente do clube, Luiz Celso de Piratininga, diretor de comunicações, Carlos Bortole, gerente de comunicações, e Francisco dos Santos, coordenador do projeto. "O Sócio-Torcedor é um trabalho diferenciado. Tanto que ganhou o prêmio ao lado de grandes empresas, como Vivo, Bradesco, Itaú e Petrobras, entre outras. Além do mais, somos o primeiro clube de futebol a erguer esse troféu. Ganhar o Marketing Best é a comprovação de todo o pioneirismo do São Paulo Futebol Clube", afirmou Piratininga.

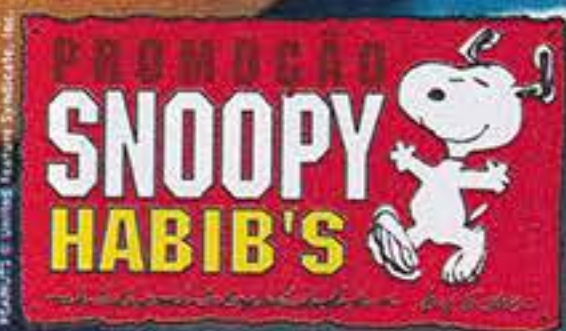
A noite terminou com um show da cantora Beth Carvalho que teve participação especial do grupo Demônios da Garoa.



O presidente
Marcelo Portugal
Gouvêa com o
prêmio e o
bonecão-símbolo
do Sócio-Torcedor

Seu melhor amigo chegou. COLECIONE.

Compre um
Kit Habib's
e com mais
R\$ 1,95
leve 1 Snoopy.



“Com o Reffis, estamos pelo menos uns dez anos à frente dos adversários”

Marco Aurélio Cunha,
*superintendente
de futebol e médico*

**Amplo espaço
e aparelhos de última
geração a serviço
dos atletas**

Profissional

O São Paulo Futebol Clube inaugurou no último dia 11 de dezembro no Centro de Treinamento da Barra Funda o Reffis, **Núcleo de Reabilitação Esportiva Fisioterápica e Fisiológica**. O espaço, que levará o nome de Maria Zilda Natel, esposa falecida de Laudo Natel, ex-presidente e patrono do São Paulo, contará com aparelhos avaliados em 300 mil dólares. Cedida pela empresa Life Fitness, em sistema de parceria com o clube, a nova aparelhagem terá condições de aprimorar o tratamento de lesões ou até mesmo preveni-las. “Com o Reffis, o São Paulo volta a ser uma referência nacional como estrutura de apoio médico e fisioterápico no futebol”, afirmou Luiz Alberto Rosan, fisioterapeuta do clube

e da seleção brasileira. O núcleo permitirá que os atletas tricolores passem menos tempo no departamento médico. “O São Paulo é um clube que sempre incentivou esses avanços e movimentos. Certamente, com o Reffis estamos pelo menos uns dez anos à frente dos

adversários”, disse Marco Aurélio Cunha, superintendente de futebol e médico. Para Turíbio Leite de Barros, fisiologista do clube, o Reffis é fantástico. “O espaço é a expressão de maior modernidade em termos técnicos, instalação e equipamento profissional no atendimento a

todos os atletas.”

Em sua última excursão para a Europa, toda a comissão técnica pôde conferir a estrutura de um dos clubes mais modernos do planeta. “No intercâmbio que fizemos há pouco tempo, na Inglaterra, pudemos ter contato com a estrutura do Manchester



**Profissionais
responsáveis pela
condução do novo
centro de reabilitação
são-paulino**



Laudo Natel, Marcelo Portugal Gouvêa e Manoel Raymundo Paes de Almeida (à esq.) inauguram o novo espaço

e moderno

United. E voltamos bastante animados com o trabalho que realizamos aqui no Reffis", contou Carlinhos Neves, preparador físico do Tricolor. Além de ajudar todos os atletas, o novo centro possibilitará aos profissionais das áreas médica, fisioterápica, fisiológica e física, uma magnífica avaliação em preparação física, tratamento e prevenção das lesões. Estiveram presentes à inauguração os ex-presidentes José Augusto Bastos Neto, José Eduardo Mesquita Pimenta e Carlos Miguel Aidar. Só em 2003, o São Paulo já recuperou profissionais como o zagueiro português Abel Xavier, o pentacampeão do mundo Roque Júnior, o piloto Alexandre Barros e os ex-são-paulinos Fábio Aurélio e Edu.



Parceria com Life Fitness permitiu a concretização do sonho

O time do Morumbi, do atacante Luís Fabiano, está entre os grandes do planeta



RANKING DA CONMEBOL*

Posição	Clube	Pontos
1º	São Paulo	554
2º	Cruzeiro	533
3º	Grêmio	453
4º	Flamengo	414
5º	Palmeiras	375
6º	Santos	344
7º	Vasco	267
8º	Corinthians	230
9º	Atlético-MG	171
10º	Internacional	96
11º	Botafogo	79
12º	São Caetano	52
13º	Guarani	50
14º	Fluminense	38
15º	Atlético-PR	28
	Bahia	28
17º	Criciúma	20
18º	Paysandu	16
19º	Bangu	12
	Coritiba	12
	Juventude	12
	Náutico	12
	Sport	12
24º	Bragantino	8
	CSA	8
26º	Sampaio Corrêa	6
	São Raimundo	6
	Vitória	6
29º	Paraná	4
30º	América-RN	2
	Ceará	2
	Lusa	2
	Rio Branco-AC	2
	Vila Nova-GO	2

* Atualizado pela Folha com a Copa-Sul-Americana

SÃO PAULO garante classificação de outros times na Sul-Americana

A Copa Sul-Americana de 2004 continuará com 12 times brasileiros. Mas com critérios de classificação diferentes dos adotados em 2003. Na última edição da competição, seis times eram classificados pela posição no Campeonato Brasileiro (*critério técnico*) e seis pelo ranking da Conmebol. A partir de agora, serão as oito equipes mais bem colocadas por critério técnico e apenas quatro pelo ranking da Conmebol, independentes da posição desses times na tabela do nacional.

Sendo assim, muitas novidades poderão rolar. Como o Tricolor e o Cruzeiro são os dois melhores colocados na atual classificação da Conmebol e também estão entre os primeiros do Campeonato Brasileiro, abririam vagas para outras equipes. Com isso, o Goiás

faria sua estréia em competições internacionais, já que é o décimo colocado no Brasileirão. O Grêmio também teria direito a participar da Sul-Americana por estar em terceiro lugar no ranking da Conmebol, mesmo tendo sido quase rebaixado no Campeonato Brasileiro. Além desses, estariam classificados Flamengo (quarto no ranking), Santos, Coritiba, Internacional, São Caetano, Atlético-MG, Paraná e Atlético-PR.

Mas ainda há grandes possibilidades de conflitos nos bastidores da competição. Caso o critério técnico prevaleça sobre o ranking, Palmeiras (quinto da lista) e Vasco (sétimo) estariam classificados. O Corinthians também teria chances, já que é o oitavo.

MELHOR BRASILEIRO, TRICOLOR ESTÁ ENTRE OS MAIORES DO MUNDO

O São Paulo Futebol Clube está em oitavo lugar no ranking elaborado pelo jornalista Daniel Finkelstein, do jornal britânico *The Times*. O Tricolor está com 13.157,79 pontos e é a equipe brasileira melhor colocada. A lista conta os pontos equivalentes a todas as conquistas obtidas desde a fundação de cada time. Entre os títulos computados, estão os campeonatos regionais, nacionais e internacionais. Além dos



pontos, o ranking destaca ainda um jogador que tenha simbolizado a equipe durante uma época. No caso são-paulino, o destaque é o centroavante Careca (*ao lado*), que jogou no time na década de 80. O primeiro time da lista é o Boca Juniors, com 21.029,35 pontos. A equipe argentina é seguida por Peñarol (Uruguai), River Plate (Argentina), Independiente (Argentina), Real Madrid (Espanha), Nacional (Uruguai) e Milan (Itália).

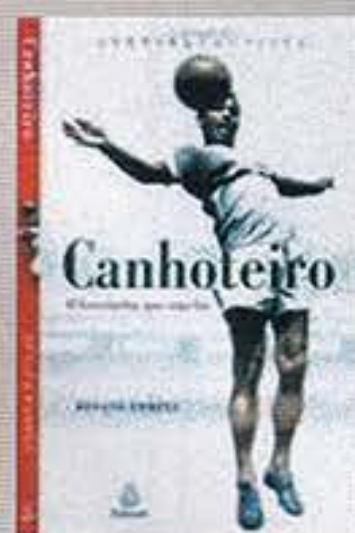
Inaugurado Painele digital no Morumbi

Os torcedores que compareceram à partida entre São Paulo e Flamengo, válida pela última rodada do Campeonato Brasileiro, tiveram um atrativo a mais. O Tricolor e a Alphavision inauguraram no Estádio Cícero Pompeu de Toledo um dos mais modernos painéis digitais do Brasil, batizado de Projeto Comunicação Digital Morumbi. Além de imagem de alta resolução, o painel promete ser uma importante fonte de receita para o clube. Com 22 toneladas e área total de 112m², ele ficará virado para a torcida durante as partidas. Em dias normais, será voltado à avenida Giovanni Gronchi, como um outdoor. O São Paulo é o primeiro clube brasileiro a utilizar esse tipo de tecnologia. O projeto foi apresentado à diretoria tricolor em setembro de 2002, mas só pôde ser posto em prática em julho do ano passado, após autorização da prefeitura.

A Alphavision será responsável pela tecnologia, investimento e comercialização dos espaços publicitários, com gerenciamento total de todas as propriedades. Os prazos mínimos de contrato para cotistas serão de 12 meses. Acredita-se que, com a iniciativa, o São Paulo poderá buscar novos parceiros comerciais, criando, no mercado nacional, uma política de relacionamento entre clubes e empresas.

De acordo com pesquisa realizada pela Alphavision, mais de 600 mil veículos passam diariamente pelos arredores do Cícero Pompeu de Toledo, dos quais 75% pertencem às classes A e B. Por ano, serão disputados mais de 40 jogos no estádio, com transmissão ao vivo.

Painel de 112m²: atração a mais para os torcedores



Canhoteiro em livro

No início de dezembro, foi lançada a biografia de José Ribamar de Oliveira, o Canhoteiro. A obra, batizada de *Canhoteiro, o Homem que Driblou a Glória*, retrata a vida do lendário atacante são-paulino, um dos maiores dribladores do futebol brasileiro de todos os tempos. O autor, o jornalista Renato Pompeu, expõe fatos curiosos da infância do craque, como sua capacidade de fazer embaixadas com caixas de fósforos e moedas. Graças à sua habilidade e sua irreverência em campo, foi considerado, por muitos, o Garrincha da ponta-esquerda.



Os versos e reversos

Em 9 de dezembro, o escritor Guaracy de Souza Sampaio lançou, no Memorial do São Paulo Futebol Clube, *As Histórias do Dr. Fagundes e Outras, O Luar da Minha Terra, Estória de um Manga Larga* e uma publicação que reúne o romance *Sara e Mirael* e a coletânea de sonetos *Versos e Reversos*, todos pela editora Scotecchi. O autor de 78 anos é conselheiro vitalício do clube.

PISAMOS NA BOLA - Edição 119

Na matéria com **DIEGO LUGANO**, na quinta resposta, na página 38, o número correto que aparece entre parênteses indicando o box com jogadores uruguaios é **39**. • **RODRIGO BUENO**, fonte consultada para a reportagem de capa, é **repórter** e **colunista** da *Folha de São Paulo* e **comentarista** do programa *Futebol no Mundo*, da ESPN Brasil.

10 anos depois...



o5tao

SEJA VOCÊ TAMBÉM UM SÓCIO-TORCEDOR



Sócio-Torcedor, vencedor
do Marketing Best 2003.



SÓCIO-TORCEDOR BRONZE

carteirinha, diploma, revista,
camisa oficial do sócio-torcedor e
fita de vídeo institucional do SPFC.



SÓCIO-TORCEDOR PRATA

carteirinha, diploma, revista,
camisa oficial do sócio-torcedor,
camisa oficial do SPFC e fita de
vídeo institucional do SPFC.



SÓCIO-TORCEDOR OURO

carteirinha, diploma, revista,
camisa oficial do sócio-torcedor,
camisa oficial do SPFC
autografada e fita de vídeo
institucional do SPFC.



SÓCIO-TORCEDOR MASTER

carteirinha, diploma, revista,
camisa oficial do sócio-torcedor,
camisa oficial do SPFC
autografada, fita de vídeo
institucional de SPFC e visita
ao Morumbi.

E MAIS: bilheteria exclusiva, sorteios, promoções, descontos em
lojas credenciadas e 50% de desconto nos ingressos de jogos com
mando do SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE no Morumbi.

www.saopaulofc.net
0800-120812



TOPPER DYNATECH.
É COMO SE
VOCÊ JOGASSE
SEM ENCOSTAR OS
PÉS NO CHÃO.

Dynatech.
A tecnologia
antiimpacto
da Topper.



DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ